

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS**

**DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

**GABRIEL TOJA ALVES**

**ENSINO DE GEOGRAFIA: A ANÁLISE DA CARTOGRAFIA COMO FERRAMENTA  
PARA O ENTENDIMENTO INICIAL DA ESPACIALIDADE**

**PORTO ALEGRE**

**2019**

GABRIEL TOJA ALVES

**ENSINO DE GEOGRAFIA: A ANÁLISE DA CARTOGRAFIA COMO FERRAMENTA  
PARA O ENTENDIMENTO INICIAL DA ESPACIALIDADE**

Trabalho de conclusão de curso de Graduação apresentado ao Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Geografia.

**Orientador:** Prof. Dr. Antonio Carlos Castrogiovanni.

**PORTO ALEGRE**

**2019**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**ENSINO DE GEOGRAFIA: A ANÁLISE DA CARTOGRAFIA COMO FERRAMENTA  
PARA O ENTENDIMENTO INICIAL DA ESPACIALIDADE**

Gabriel Toja Alves

Aprovado em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Me. Alexandre Rosa

---

Prof. Me. Marcos Irineu Klausberger Lerina

## AGRADECIMENTOS

Início meus agradecimentos voltados à instituição que mudou minha vida, meu modo de ver o mundo - a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pois em tempos tão sombrios e de perseguições sistemáticas as instituições públicas, sobretudo as de ensino, mantem-se firme e forte na luta pelo ensino, pesquisa e extensão.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Antonio Carlos Castrogiovanni, que desde meu ingresso no PIBID já no primeiro semestre, assim como em toda minha graduação, sempre se mostrou solidário e sensível tanto nos momentos de aula como em outras situações, dando conselhos, criticando, tranquilizando-me e me motivando a sempre continuar, e, principalmente, acreditar em mim como aluno e professor.

Agradeço a minha família, pois, sem o apoio deles - em todos os momentos - jamais chegaria onde cheguei e me tornaria o que sou. Minha mãe Maria A. Toja Alves, meu pai Francimar de Jesus O. Alves e minha irmã Marília Toja Alves.

Agradeço a todos amigos e colegas que conheci ao longo da graduação em especial: Bruno Mazzoni, Peterson Oliveira, Raphael Carriconde e Benhur Jose por sempre estarem comigo nos acadêmicos e fora deles também.

Agradeço também minha companheira, colega e parceira - futura Prof. Evelyn Martins por estar sempre ao meu lado, me ajudando a não desistir, enfrentando e superando os – não poucos- percalços ocorridos no período de produção desse trabalho. Obrigado!

E a todos e todas que, embora não tenha citado aqui, de alguma forma contribuíram na minha formação, pois, como li certa vez em um livro, esse trabalho passa longe de ser um filho único, possui vários pais e mães, pois em minhas palavras e ações carrego todos e todas que passaram por minha vida e deixaram sementes de aprendizado.

MUITO OBRIGADO!

## RESUMO

A cartografia é uma importante ferramenta para leitura e compreensão do espaço geográfico. No entanto, também pode se tornar uma barreira para os alunos que não conseguem entender conceitos utilizados para orientação e localização no espaço. Este trabalho propõe-se a analisar como a cartografia contribui para o ensino de Geografia através da construção e aplicação de três oficinas pedagógicas em uma turma de 6º ano de ensino fundamental. Como metodologia utilizada para alcançar os objetivos optou-se pela pesquisa qualitativa e quantitativa (quali-quantitativa) além da pesquisa-ação. As oficinas foram aplicadas na Escola Estadual de Ensino Fundamental Visconde de São Leopoldo, situada no município de São Leopoldo – RS, e contou com a participação de 26 alunos. O desenvolvimento das oficinas se deu a partir de conceitos trabalhados no referencial teórico e temas selecionados nas habilidades presentes na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para a etapa em questão. Temas, esses, que procuraram perceber as noções de leitura espacial dos alunos a partir da utilização da representação cartografia do espaço entendido através de suas categorias de análise. Criadas com uma abordagem crescente de complexidade, as oficinas são, respectivamente: Localizando-se a partir de elementos espaciais afetivos (Escola/Bairro), Revivendo o Espaço Afetivo através da imaginação e Paisagem no mapa: o aluno redefinindo/desenhando seu espaço. Identificamos que com atividades utilizando materiais diferenciados tais como: imagens, mapas, desenhos e associando esses à ciência cartográfica, os alunos constroem os conceitos geográficos a partir da reflexão que realizam através de suas vivências, ou seja, por meio da representação sentem-se parte do contexto e isso se mostrou eficaz na aplicação das oficinas.

**Palavras-chave:** Ensino de Geografia - Espaço Geográfico – Cartografia – Oficinas

## RESUMEN

La cartografía es una herramienta importante para leer y comprender el espacio geográfico. Sin embargo, también puede convertirse en una barrera para los estudiantes que no pueden comprender los conceptos utilizados para la orientación y ubicación en el espacio. Este artículo tiene como objetivo analizar cómo la cartografía contribuye a la enseñanza de la geografía a través de la construcción y aplicación de tres talleres pedagógicos en una clase de escuela primaria de sexto grado. Como metodología utilizada para lograr los objetivos, optamos por la investigación cualitativa y cuantitativa (cualitativa), además de la investigación de acción. Los talleres se realizaron en la Escuela Estatal de Educación Primaria Visconde de São Leopoldo, ubicada en el municipio de São Leopoldo - RS, y asistieron 26 estudiantes. El desarrollo de los talleres se realizó a partir de conceptos trabajados sobre el marco teórico y los temas seleccionados en las habilidades presentes en la Base de Currículo Nacional Común (BNCC) para la etapa en cuestión. Temas, que buscaban comprender las nociones de lectura espacial de los estudiantes a partir del uso de la representación cartográfica del espacio entendida a través de sus categorías de análisis. Creados con un enfoque creciente de la complejidad, los talleres son, respectivamente: Localizarse a sí mismo a partir de elementos espaciales afectivos (escuela / vecindario), revivir el espacio afectivo a través de la imaginación y el paisaje en el mapa: el alumno redefine / dibuja su espacio. Identificamos que con actividades que utilizan diferentes materiales como imágenes, mapas, dibujos y al asociarlos con la ciencia cartográfica, los estudiantes construyen los conceptos geográficos a partir de la reflexión que realizan a través de sus experiencias, es decir, a través de la representación que sienten parte contexto y esto resultó efectivo en la implementación de los talleres.

**Palabra clave:** Enseñanza de geografía - Espacio geográfico - Cartografía - Talleres

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Fluxograma metodológico -----	35-
Figura 2 – Representação do Bairro Centro-----	30-
Figura 3 - Foto Rua da Escola -----	33-
Figura 4 – Representação 2-----	34-
Figura 5 - Atividade da oficina 1 aluno 1 -----	36-
Figura 6 - Atividade da oficina 1 aluno 2 -----	37-
Figura 7 - Atividade da oficina 1 aluno 3 -----	38-
Figura 8 - Atividade da oficina 1 aluno 4 -----	38-
Figura 9 - Atividade oficina 2 aluno 5 -----	39-
Figura 10 - Atividade oficina 2 aluno 6 -----	40-
Figura 11 - Atividade oficina 2 aluno 7 -----	40-
Figura 12 - Atividade oficina 3 aluno 8 -----	42-
Figura 13 - Atividade oficina 3 aluno 9 -----	42-
Figura 14 - Atividade oficina 3 aluno 10-----	43-

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
1.2 JUSTIFICATIVA .....	10
1.3 OBJETIVO .....	11
1.3.1 Objetivo Geral .....	11
1.3.2 Objetivos Específicos .....	11
<b>2 REFERENCIAL TEORICO .....</b>	<b>12</b>
2.1 ESPAÇO GEOGRÁFICO.....	12
2.2 LOCALIZAR E ORIENTAR.....	14
2.3 A IMPORTÂNCIA DA FORMA .....	16
2.4 LUGAR.....	17
2.5 PAISAGEM.....	18
2.6 REPRESENTAÇÃO.....	19
2.7 CARTOGRAFIA .....	20
2.8 BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR.....	23
<b>3 METODOLOGIA – PERCURSOS METODOLÓGICOS – DESAFIOS, ENCONTROS E NOVAS DÚVIDAS.....</b>	<b>26</b>
<b>4- OFICINAS .....</b>	<b>27</b>
4.1 CONSTRUÇÃO E APLICAÇÃO DAS OFICINAS. ....	28
4.2 REFLEXÕES E PROPOSTAS .....	35
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>45</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>46</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>48</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O debate sobre ensino de Geografia na escola é repleto de discussões, análises e pesquisas que buscam ressignificar métodos, conceitos, e reflexões sobre esse tema para a ciência (CASTROGIOVANNI, 2000; COSTELLA, 2011; CALLAI, 2009; KATUTA, 2000; ALMEIDA; PASSINI, 2008). Independentemente da etapa de ensino em questão, novas formas de ensinar, aplicar e de tornar o processo de aprendizagem da Geografia algo significativo para os educandos, são buscas permanentes de professores e pessoas envolvidas/comprometidas com a educação.

Entender como o aluno desenvolve suas habilidades, constrói suas competências e as aplica em sua realidade é a mola propulsora de qualquer professor que pretenda orientar pessoas a vislumbrar realidades diferentes a partir de uma leitura avaliativa de mundo. Nesse sentido é importante destacar que o conhecimento desenvolvido a partir da realidade de cada sujeito influencia na interpretação e modificação dos conceitos da Geografia. Portanto construir metodologias que tragam essa realidade do educando à tona, longe de buscar um conhecimento enciclopédico de conceitos, mas, sim, algo que facilite e motive para um novo entendimento, foi o que se buscou analisar nesse trabalho.

Assim sendo, o presente trabalho tem como o intuito analisar, a partir dos processos de aprendizagem referentes ao ensino de Geografia, como a Cartografia, enquanto ciência auxiliar, instrumento de ensino e representação do espaço geográfico, contribui para o entendimento de conceitos da Geografia.

Para tal, concebeu-se a ideia de elaborar oficinas a serem aplicadas nas etapas iniciais de ensino no qual temos, enquanto professores de Geografia, habilitação para exercer a docência, ou seja, nos anos finais do ensino fundamental. Nesse sentido optou-se por aplicá-las em uma turma de 6º ano do ensino fundamental, pois, conforme BNCC entende-se que nessa etapa os alunos já tiveram contato com o ensino de Geografia e, fundamentalmente, iniciaram o processo de alfabetização cartográfica.

## 1.2 JUSTIFICATIVA

Essa pesquisa busca o entendimento de uma realidade percebida na própria prática durante a aplicação de atividades em escolas realizadas pelo PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), nos estágios obrigatórios no decorrer do curso de licenciatura plena em Geografia e em outras instituições de ensino fundamental pelas quais passei. Inúmeras vezes fora percebido que os alunos possuíam certa defasagem em conceitos cartográficos, dificuldade essa que refletia no modo como os mesmos compreendiam conceitos geográficos fundamentais para qualquer reflexão almejada.

Isso posto, chamou-me atenção sobre como práticas docentes em níveis anteriores de ensino, como por exemplo, nos anos iniciais ou finais do ensino fundamental, realizadas sem a devida consolidação de conceitos fundamentais para o educando, pode deixar lacunas expressivas não só para a Geografia, mas também para interpretação e leitura de outras disciplinas. Assim como, em contrapartida, um entendimento construído com o auxílio de uma representação cartográfica: um mapa, uma foto, um globo e assim por diante, tornavam a construção do conhecimento e, posterior, análise sobre ele, mais abrangente e facilitada.

Tendo como imperativo o desenvolvimento da percepção representativa do espaço para o desenvolvimento do aluno, Almeida e Passini, (2008) esclarecem que a utilização de mapas e a mudança qualitativa que este uso traz na capacidade do aluno de pensar o espaço, o ajuda a compreender as formas nas quais as sociedades se organizam, afirmando, assim, que isso somente será possível através de interpretação desse espaço como também sua representação fenomenal intencional.

Sabendo da importância da ciência geográfica na formação escolar, citados em inúmeros trabalhos, é fundamental que educadores busquem atualizar, criar e ou adaptar de forma competente, em todas as etapas do ensino regular, estudos que desenvolvam nos indivíduos em formação possibilidades de compreender a Geografia como ciência do seu próprio espaço. A formação de leitores de mapas ajuda o aluno a pensar o espaço e a representação para além de uma alfabetização cartográfica tornando-o um sujeito capacitado para analisar os significados histórico-geográficos das relações e as mudanças presentes no lugar ou em qualquer categoria de análise espacial.

## **1.3 OBJETIVO**

### 1.3.1 Objetivo Geral

Explorar as potencialidades da Cartografia como ferramenta no ensino de Geografia no 6º ano, através de oficinas que desenvolvam o entendimento inicial do aluno sobre o espaço geográfico (espacialidade).

### 1.3.2 Objetivos Específicos

Para alcançarmos o objetivo geral precisamos explicitar os objetivos que nortearão a nossa busca. São eles:

- Elaborar oficinas a partir de referenciais teóricos; aplicando-as;
- Analisar a importância da cartografia para o processo de ensino e aprendizagem da Geografia

## 2 REFERENCIAL TEORICO

Nesse capítulo será tratada a importância de trabalharmos conceitos trazidos por pesquisadores da área de educação e Geografia numa tentativa de articulação de tais conceitos e sua importância para entender as escalas de análise do Espaço Geográfico e sua relação com a educação, ensino e representação. O capítulo será organizado em 8 etapas no qual será posicionado o entendimento sobre os conceitos e reflexão sobre os mesmos, começando pelo Espaço Geográfico e culminando com a Base Nacional Comum Curricular que serviu de amparo para análise dos resultados.

### 2.1 ESPAÇO GEOGRÁFICO

O Espaço Geográfico é um dos conceitos mais trabalhados no ensino de Geografia, em todos os níveis de ensino, do primeiro ao último dia de aula. Porém, sobretudo na introdução à ciência, é importante frisar e definir metodologias que auxiliem na construção desse entendimento, visto que é o objeto de análise e a razão pela qual existe a Geografia.

No ensino, a noção de espaço é construída desde os primeiros anos da educação infantil – 1º ao 5º - ano, no qual a Geografia, inserida na área das Ciências Humanas, é responsável por desenvolver habilidades e competências que estão ligadas à compreensão da heterogeneidade desse conceito. Competências como: analisar a interação dos seres humanos com o meio ambiente, compreender a ocupação humana e produção do espaço, dentre outras, mostram o quanto o espaço geográfico e sua compreensão é necessária. Em uma definição mais abrangente, o espaço nada mais é do que o palco no qual ocorrem ações ligadas à vida dos seres humanos interagindo com as questões naturais. Durante toda sua existência o sujeito interage com o espaço geográfico através de sua vivência, de seus lugares e de sua percepção e observação das paisagens que o compõe, porém, a compressão de fenômenos para entender a espacialidade se dá através de uma compreensão geográfica de Espaço e de sua organização nos territórios. Mas afinal, o que é esse espaço Geográfico? Para Santos (2006), o Espaço Geográfico é definido como “um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá”. (SANTOS, 2006, p. 63)

Alicerçado nessa definição, entendemos que essas relações dos objetos e das ações não se dão de forma estática, ela possui uma história, uma mudança constante conforme os interesses de uma dada localidade em uma determinada época, portanto para tal entendimento, demanda um

processo de análise e, mais adiante, de reflexão sobre como essas relações ocorrem. Essa interação social com os objetos realizadas pelos humanos nos respectivos territórios se compreendidas através de suas funções a partir do modo de produção vigente demonstram contradições e desigualdades socioespaciais fundamentais para uma compreensão e exercício de cidadania.

A partir do espaço escolar, por exemplo, com algumas atividades, podemos trabalhar essa compreensão com os educandos a fim de encaminhá-los como sujeitos atuantes e reflexivos e não apenas meros leitores coadjuvantes do espaço. Castrogiovanni (2016) explica a importância da forma de ensino desse conceito tão complexo e como o professor pode auxiliar o aluno nesse processo de aprendizagem e compreensão:

Convém ao professor desinformado procurar entender a escola enquanto um espaço geográfico, portanto, repleta de acertos e desacertos, verdades provisórias e dúvidas constantes, mas que faz parte de um todo que é o mundo. (CASTROGIOVANNI, 2016, p. 17)

Portanto, construir a capacidade de interação com questões de sua vivência a partir do entendimento da complexidade espacial é o que pensamos ser um dos objetivos do ensino de Geografia e um entendimento de espaço geográfico necessário e fundamental para nossas vidas.

Assim a Geografia apresenta-se como método para edificação desse conhecimento e leitura crítica dos fenômenos naturais e das relações sociais que ocorrem no mundo, definido por Callai (2009) como olhar espacial, ou seja: “é o modo de fazer Geografia (e método a usar), é como devemos estudar a realidade. Uma realidade que tenha a ver com a vida dos alunos” (CALLAI, 2009).

Entendemos, também, que há diversas etapas de compreensão do espaço pelos sujeitos e elas se dão de forma concomitante com a evolução geral do conhecimento e maturidade. Segundo Almeida e Passini (2008), esses estágios se dão em três momentos: do espaço vivido ao percebido e deste para o concebido. O enfoque que pretendemos dar nesse trabalho inicia-se a partir da compreensão pelos educandos do espaço concebido, ou seja, quando o aluno já consegue abstrair e deslocar seu pensamento sem a necessidade direta da visualização de elementos físicos, mas sim, de suas representações (ALMEIDA; PASSINI, 2008). Essa etapa corresponderia aos alunos do 6º ano do ensino fundamental momento pelo qual o educando inicia sua escolarização polidocente passando a ter aulas de Geografia propriamente dita, pois a partir daí o estudo da geografia se dá de modo mais sistemático e analítico, ou seja, inicia-se a construção das noções pelos sujeitos a partir dos conceitos de: espaço ocupado pelo sujeito, lugar, orientação, da localização dos objetos

distribuídos no espaço, suas funções, distâncias e representação, paisagem e, como define Cavalcanti (1998) apud Couto (2006) “consciência espacial a partir de um raciocínio geográfico”.

Nesse sentido impõe-se dizer que uma das ferramentas que auxiliam a Geografia no processo de geografização do olhar no educando nos anos iniciais do ensino fundamental é, possivelmente, a Cartografia, através da percepção espacial que advém da leitura e construção de mapas e, por conseguinte, da ampliação na capacidade de abstração/deslocamento nos indivíduos. Representar o mundo em um papel ou em seu corpo, através de alguma atividade mais dinâmica, torna palpável um conhecimento para muitos, muito distante ou complexo, além de desafiante.

A Geografia escolar, através da linguagem cartográfica traz essas noções, para fins de entendimento de temas como: localização, orientação e por fim organização espacial da sociedade. Almeida e Passini (2008) tratam da importância do aprendizado espacial no contexto sociocultural, na sociedade moderna, como instrumento necessário à vida das pessoas, pois através desse conhecimento é possível analisar e compreender as formas pelas quais a sociedade se organiza auxiliando assim, a formação de indivíduos com uma visão mais consciente e crítica de seu espaço social. A utilização de outras linguagens para ensino de geografia, como a linguagem cartográfica, tem por objetivo tornar a tarefa, por vezes dificultosa e monótona, mais facilmente construída e assim articulando de maneira sutil conhecimentos teóricos com práticos na construção da espacialidade.

## **2.2 LOCALIZAR E ORIENTAR**

Localização e orientação talvez sejam os primeiros conceitos geográficos desenvolvidos empiricamente em nossas vidas no que tange a espacialidade. Desde a primeira infância a criança começa a perceber o espaço através de elementos que lhe são próximos, colocando-se como centro nessa percepção, até, paulatinamente, ir ampliando sua interpretação, localização desses mesmos elementos e aos poucos orientando-se. Orientar-se é ir à procura do oriente, lugar onde o sol nasce (Leste). No sentido geográfico é o mesmo que rumo ou direção (CASTROGIOVANNI 2009).

Nessa perspectiva, a Geografia, através do processo de escolarização pode auxiliar no desenvolvimento dessas habilidades e de um entendimento desses rumos, visto que é no espaço escolar onde o sujeito trabalha sistematicamente e de modo amplo, desde os anos iniciais do ensino fundamental, suas noções – através de uma perspectiva geográfica – de orientação, lateralidade e localização.

Como entender nosso ir e vir sem antes sabermos onde estamos? Como se locomover pelo

espaço geográfico sem fazer a pergunta básica: onde? Possivelmente a primeira pergunta geográfica para qualquer ação que tomemos, acompanhada da segunda: “como”? Por isso é fundamental trabalharmos tais conceitos e auxiliar os educandos no desenvolvimento de forma plena, pois a espacialidade só é compreendida se vivenciada e praticada.

A movimentação e o deslocamento a partir da orientação/localização no/do espaço vivido para, posteriormente, um entendimento mais amplo e representativo, auxilia o aluno a correlacionar as ideias de temas trabalhados pela geografia, além de se territorializar no espaço, representando-se.

Entender por exemplo que sua escola está ao sul de sua casa que por sua vez está ao norte do centro de sua cidade ou até mesmo de seu bairro, demanda consigo uma necessária abstração e, por conseguinte, exige uma habilidade que é fundamental para conseguirmos nos deslocar no nosso dia a dia. Essa operação mental que parece simples de compreender em nossas rotinas, já banalizada muitas vezes em nossas relações, é mais complexa do que parece na sua fase de desenvolvimento, pois exige do sujeito um processo de descentração, ou seja, uma operação de desprendimento mental do sujeito e de seu objeto espaço operacional, que é o seu corpo (CASTROGIOVANNI; COSTELLA, 2016).

É importante distinguirmos os conceitos de localização e orientação muitas vezes entendidos como sinônimos. Localizar refere-se a “determinar o lugar de” ou “encontrar o local em que algo ou alguém se acha” (DICIO, 2019), portanto, a localização ocorre a partir de elementos fixos e a partir de uma orientação, ou seja, de um sentido que pode ser variado dependendo do ponto de vista do observador.

Katuta (2000) nos explica as diferenças em relação ao conceito e a sua ênfase ao conhecimento geográfico:

[...]existe uma diferença muito grande entre orientação e localização em nível de ações cotidianas e orientação e localização geográficas. As primeiras imprescindíveis, a qualquer sujeito e aprendidas nas suas ações e relações cotidianas com o espaço empírico e, as segundas, imprescindíveis a alguém que queira realizar entendimentos geográficos sobre o mundo e aprendidas necessariamente na escola. (KATUTA, 2000, p. 9)

Ainda segundo Katuta (2000) não quer dizer que o conhecimento geográfico científico trabalhado na escola não faça diferença nas ações cotidianas dos sujeitos, porém não é, a priori, necessário um entendimento mais técnico para se orientar e localizar em uma cidade, por exemplo; visto que existem diversas formas de atingir esse objetivo, desde conseguir informações

com pessoas, atualmente temos uso de aplicativos de sistema de posicionamento global (GPS) popularizado, ou até mesmo através dos elementos encontrados na área urbana como: placas, prédios, lojas e assim por diante.

Portanto é preciso relacionar o conhecimento geográfico escolar a partir de um direcionamento no qual utilize os conceitos da Geografia para se buscar a espacialidade, porém de modo que faça sentido a partir aplicação voltada ao/para o cotidiano do educando. Assim a familiarização com termos e expressões geográficas passam a fazer sentido de modo mais significativo assim como sua compreensão.

### 2.3 A IMPORTÂNCIA DA FORMA

No entendimento inicial da espacialidade as primeiras observações se dão a partir dos elementos próximos que compõe o espaço em um determinado recorte, logo, que configuram a paisagem. De modo geral as percepções desses elementos ocorrem, não somente, mas através de um recorte visual do espaço real (paisagem), porém esses elementos, estando no todo, possuem uma forma e são definidos por sua forma que, por conseguinte, se dá devido a sua função no espaço geográfico, daí a importância da forma no contexto de uma compreensão da espacialidade. Santos (2006) nos diz:

Tomada forma-conteúdo pela presença ação, a forma torna-se capaz de influenciar, de volta, o desenvolvimento da totalidade, participando, assim, de pleno direito, da dialética social. (SANTOS, 2006, p. 126)

Essas formas, portanto, estão dentro de método de análise do espaço geográfico, fazem parte de uma categoria de análise espacial composta por quatro conceitos: estrutura, processo, função e forma (SANTOS, 2012).

Assim a forma, analisada isoladamente, possui sua função, tamanho e localização. Em um contexto escolar, em uma escala maior, a forma pode ser utilizada como inicial para o entendimento do espaço geográfico, desde a sala de aula e seus objetos, até o pátio da escola podem ser interpretados e categorizados.

Importante salientar, porém, que, com o avanço do domínio pelos discentes e mediação pelo professor, posteriormente, é necessário contextualizar a interpretação da forma com as demais categorias espaciais, de modo que se perceba a dialética existente entre elas, como citado anteriormente. Uma vez que os elementos representados pelas formas estão relacionados as atividades que a sociedade reproduz, por exemplo, um prédio, uma escola, um shopping, uma praça; logo sua compreensão está exposta em nosso dia a dia na reprodução social, portanto se

analisados isoladamente servirá tão somente como objeto de classificação e ou descrição e não compreensão da totalidade e possibilidade de entendimento da espacialidade humana (CORREA, 2009).

## 2.4 LUGAR

O termo lugar é um dos termos geográficos mais popularmente utilizados no cotidiano das pessoas. No senso comum costumamos usar a palavra lugar estritamente como sinônimo de localização, de localidade, o que, em uma análise escalar é correto, porém para uma compreensão geográfica espacial é preciso também relacionar o lugar com o espaço geográfico e, mais precisamente, com o espaço vivido pelos sujeitos. Em geral a palavra é usada para definir alguma localidade que não se sabe a nomenclatura quando se quer explicar algo (sua localização).

Para geografia, porém, lugar, diferentemente de local – onde é definido um ponto físico, em uma coordenada específica e uma área delimitada - é uma das escalas de análise do todo. Serve para refletir num âmbito do espaço vivido a compreensão do espaço geográfico, isto é, serve tanto como uma relação subjetiva dos sujeitos que ali vivem de proximidade, como também, para se entender o processo histórico, representativo e dinâmico exercidos em um determinado recorte espacial. Entender os processos, a história, as dinâmicas locais facilitam, por exemplo, alunos do ensino fundamental, numa compreensão espacial, pois todo lugar, embora com suas características culturais e naturais, sofre influência do global, ou seja, de outros lugares, distante ou não dos demais. Como nos diz Callai (2010):

O Regional e o local são recortes da realidade global que devem ser considerados no estudo da geografia. Por exemplo, no estudo da problemática da produção do espaço regional do Rio Grande do Sul, quais as questões fundamentais para compreender, analisar e explicar o Rio Grande do Sul? O Rio Grande do Sul é um espaço regional, mas as explicações do que acontece neste Estado, do tipo de espaço produzido nele, não se encontram apenas nos limites do Rio Grande do Sul, mas nos demais níveis de análise também (o local, o nacional e o internacional). Além do Estado, há o Mercosul, que exige um outro nível de análise que é regional, mas é também internacional. (CALLAI, 2010, p.60)

O lugar é o espaço da vivência, onde os grupos inserem significados e encontram sua identidade, sua cultura, é o espaço próximo onde se vive o mundo. O lugar é o espaço vivido do mundo, isto é, o lugar apesar de ser singular, de ter suas peculiaridades ele é o mundo, pois ele tem conexões com outros lugares e com todo o Espaço Geográfico (SANTOS, 2006). Dentro do Espaço Geográfico existem vários lugares, esses lugares são pequenas dimensões que tem cunho cultural, simbólico e econômico, como por exemplo: o lugar onde fica a escola, o lugar onde fica

minha casa, o mercado, a praça e assim por diante.

O lugar entendido como a porção do espaço que tem sentido para a vida, que é vivido, reconhecido e constituído por identidade. Cada Lugar, mesmo globalizado, deve ser único para dar sentido à existência do Sujeito [...] O lugar que é a parte, pela sua complexidade representa o todo e difere-se do todo enquanto parte, existe pela comunicabilidade das suas particularidades. (CASTROGIOVANNI, 2009, p. 4).

Entendemos, assim, como supracitado, que o lugar sendo parte diferenciada do todo, pode contribuir muito para o ensino de geografia, posteriormente, para a compreensão de fenômenos geográficos pelos educandos, pois a partir do lugar do sujeito, de sua realidade torna-se mais palpável a apropriação e o engajamento com os conteúdos científicos escolares; e por conseguinte auxiliando no entendimento das relações entre a realidade e os conteúdos estudados que entendemos ser, também, realidade, porém, por vezes, mais distantes.

## 2.5 PAISAGEM

Ainda como categoria de análise espacial e, por conseguinte, conceito geográfico fundamental na escolarização – temos na paisagem um importante método de, através da observação (embora não somente), perceber as mudanças existentes no espaço geográfico em suas diferentes feições através do tempo. Segundo Callai (2000), a paisagem sendo o resultado das modificações humanas no espaço geográfico, em um momento do processo, associada às adaptações dos elementos naturais que a compõe, é de suma importância para a compreensão da realidade através do (s) lugar (es).

A percepção da paisagem, assim como do lugar, enquanto conceitos diferentes, mas relacionados – também ocorre de forma subjetiva pelo sujeito, se dá através das suas análises individuais, inicialmente, e de seus interesses. Como mostra Callai (2009):

Cada um vê a paisagem a partir de sua visão, de seus interesses, de sua concepção. A aparência da paisagem, portanto, é única, mas o modo como a apreendemos poderá ser diferenciado. Embora na aparência as formas estejam dispostas e apresentadas de modo estático, não são assim por acaso. A paisagem pode-se dizer, é um momento do processo de construção do espaço. O que se observa é portanto resultado de toda trajetória, de movimentos da população em busca de sua sobrevivência e da satisfação de suas necessidades (que são historicamente situados), mas também pode ser resultante de movimentos da natureza. (CALLAI, 2009, p. 97).

Nessa perspectiva entendemos que a observação da paisagem e sua respectiva leitura

demandam uma apropriação cultural que embora seja individual, pode ser, por exemplo, estimulada através de atividades escolares, nas quais, outros olhares, ou seja, outra percepção, para os mesmos elementos que compõe a paisagem são possíveis. A paisagem existente em um lugar, através da identificação dos elementos que a compõe, seja natural e ou social, pode ser um recurso importante para uma aproximação inicial da espacialidade. Segundo Santos (2006)

A paisagem existe através de suas formas, criadas em momentos históricos diferentes, porém coexistindo no momento atual. No espaço, as formas de que se compõe a paisagem preenchem, no momento atual, uma função atual, como resposta às necessidades atuais da sociedade. Tais formas nasceram sob diferentes necessidades, emanaram de sociedades sucessivas, mas só as formas mais recentes correspondem a determinações da sociedade atual. (SANTOS,2006, p. 67)

Entende-se nessa passagem, que o tempo e a materialidade são importantes variáveis na constituição da paisagem no que se refere a sua concretude. Podemos observar na mesma paisagem acúmulo histórico, presente nas atuações sociais efetivadas no espaço através de funções configuradas e úteis naquele momento, assim como podemos analisar o momento presente, ou seja, a configuração atual do espaço geográfico representada nas funções exercidas nas formas dos objetos que compõe e ou estão presentes na paisagem.

## 2.6 REPRESENTAÇÃO

Representar o espaço geográfico é um (a) meio/maneira de entendê-lo. Como posto anteriormente, o desenvolvimento da concepção espacial se dá desde o nascimento, ou seja, anos antes do processo de escolarização do sujeito. O ser humano representa para si o espaço em que vive desde os seus primeiros meses, a partir de sua interação com o meio, ampliando, gradativamente sua percepção (ALMEIDA; PASSINI, 2008). O instrumento mais tradicional para representar o espaço geográfico, embora não seja o único, é o mapa.

A observação espacial, leva, inicialmente a generalizações e, posteriormente, a comparações, e isso ocorre na percepção de determinadas áreas em que pode ser identificada situações semelhantes a inicialmente observada. Ainda segundo Almeida e Passini (2008) a análise ocorre quando o aluno se reporta ao processo de produção do espaço e o confronta com a configuração espacial do mapa.

Na direção do entendimento dessa representação espacial é necessário compreender a linguagem na qual os elementos estão dispostos e os significados dos mesmos. Para tal utiliza-se a linguagem cartográfica. Segundo Castrogiovanni (2009) as maquetas, mapas, cartas e plantas são

representações sociais de um determinado espaço real e representam uma organização dos elementos que compõe o espaço.

Na utilização dessa linguagem ocorre um processo de preparação para, por fim, sua compreensão e leitura. Assim sendo é preciso que seja articulado metodologicamente um processo de alfabetização para compreensão de símbolos, signos, projeções e escala (CASTROGIAVANNI, 2009).

Em uma ideia de representação do espaço geográfico a partir do próprio espaço vivido é importante que o educando se alfabetize, ou seja, consiga ler mapas a partir da própria ação de mapear, isto é, aprender a representar a partir da construção de mapas, inicialmente, como nos diz Almeida e Passini (2008)

[...] consideramos o espaço de ação cotidiana da criança, o espaço a ser representado. A partir dele também serão construídas as noções espaciais. A criança perceberá o seu espaço de ação antes de representa-lo, e, ao representa-lo usará símbolos, ou seja, codificará. Antes, portanto de ser leitora de mapas, ela deverá agir como mapeadora do seu espaço conhecido. (ALMEIDA; PASSINI, 2008, p. 23)

A identificação de padrões, grupos, desenhos e símbolos mobiliza o conhecimento de outros conceitos geográficos sendo, deste modo, fundamental para uma compreensão espacial geográfica. Pensar a representação como método de ensino de geografia, através de uma linguagem cartográfica, propicia, portanto, a observação por parte do professor, de modo prático como o sujeito/educando demonstra, através da grafia, o significado subjetivo de sua representação espacial.

## 2.7 CARTOGRAFIA

A cartografia, tanto para Geografia como para outras ciências, auxilia, em termos gerais na compreensão de fenômenos espaciais, tanto no que diz respeito a sua localização, orientação e organização, como também, enquanto ferramenta, em sua investigação. Em uma análise espacial geográfica ela demonstra através de modelos bidimensionais (produtos) fenômenos espaciais, sejam eles de cunho sociais, físicos, culturais ou ambos.

Segundo Castrogiovanni (2010):

Cartografia é o conjunto de estudos e operações lógico-matemáticas, técnicas e artísticas que, a partir de observações diretas e da investigação de documentos e dados, intervém na construção de mapas, cartas, plantas e outras formas de representação, bem como no seu emprego pelo homem.

Assim, a cartografia é uma ciência, uma arte e uma técnica.  
(CASTROGIOVANNI, 2010, p. 38)

Para uma compreensão cartográfica é necessário entendimento da linguagem formal por ela utilizada, a linguagem cartográfica. Na escola ela é trabalhada desde a educação infantil através da alfabetização para no 6º ano ser formalizada enquanto ferramenta de estudo para a representação geográfica. Enquanto linguagem, a cartografia traz consigo a possibilidade de sintetizar informações, estudo e interpretações do espaço geográfico além de uma visualização e investigação de dados de cunho subjetivo de cada um sobre a organização do espaço.

A Cartografia enquanto ciência é apresentada/mostrada aos alunos de ensino fundamental associada à Geografia. Não há uma disciplina escolar específica, mas sim, conhecimentos dela advindos para compreensão de fenômenos geográficos. Portanto, é fundamental e desafiante a tarefa de docenciar nessa área do conhecimento, pois é necessário trabalhar sempre de maneira interdisciplinar, é preciso compreender conceitos geográficos e cartográficos simultaneamente para se incorrer na busca de um entendimento do objeto de análise em questão; no caso da Geografia, conceitos como compreensão de processos de globalização, territorialização, regionalização, espacialidade e assim por diante.

A importância da Cartografia para o ensino de Geografia não é recente. Há vasta literatura que corrobora essa afirmação além de práticas pedagógicas que a endossam. Para um melhor entendimento da Cartografia é preciso ter noções básicas sobre como construir um mapa. Definir uma escala, uma projeção e ajustar a legenda são ações fundamentais para um início dessa tarefa. Importante frisar, no entanto, que é necessário um direcionamento quando do uso da cartografia como ferramenta, isto é, o professor necessita estruturar metodologicamente os conhecimentos a fim de que não se torne um conhecimento findado em si mesmo. Nesse sentido, Katuta (1997) nos explica:

Apesar da importância do uso dos mapas no ensino de Geografia, é preciso ter claro que o mesmo não deve se resumir ao ensino do mapa. O uso desse meio de comunicação deve estar relacionado com o tema de estudo ou ao entendimento determinado fenômeno, ou seja, é preciso não confundir o ensino do mapa com o ensino de Geografia, priorizando somente o primeiro. O mapa deve ser entendido então como um material que auxilia no entendimento/desvelamento de determinada realidade, caso contrário, o ensino de Geografia poderá tornar-se um “ensino do mapa pelo mapa”, o que coloca em xeque o papel da disciplina no currículo de qualquer série escolar. (KATUTA, 1997, p. 42)

Assim sendo, um mapa, um globo, um croqui, pode ser algo encantador se bem utilizado nas aulas de Geografia. É lúdico e técnico. Representar o real em um papel nos representa enquanto sujeitos, sobretudo na infância pois, discentes nessa faixa etária, em geral, quando desenham, gostam de desenhar o que veem, o lugar. O homem desenha a terra desde os tempos antigos. Desenhar o que vê e representá-lo a partir de uma interpretação faz parte de nossa história.

## 2.8 BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR

O processo de ensinar é composto por muitos desafios, muitas demandas. Auxiliar um indivíduo a compreender determinadas situações reais e inesperadas, a partir de conceitos estabelecidos cientificamente, e fazê-lo com que se adapte e consiga refletir a ponto de desenvolver outro olhar/compreensão e que esse seja aplicado em sua vida fora do ambiente escolar é um dos caminhos em que a Geografia escolar se propõe. Isso posto, temos que o ato de docenciar necessita, portanto, de uma compreensão por parte do docente de toda uma complexidade epistemológica e entendimento de conceitos referentes a sua área de atuação, a sua ciência em questão, associado a busca de métodos de ensino que facilitem a compreensão e auxiliem o desenvolvimento de ações cognitivas nos discentes a fim de que articulem habilidades na construção de um conhecimento (BRASIL, 2018)

Assim, surge então a BNCC, para fim de alinhar as diretrizes com as quais a educação básica brasileira seguirá. Homologada em dezembro de 2017 tem por definição segundo o site Ministério da Educação (MEC):

[...] é um documento normativo que define o conjunto de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica. Seu principal objetivo é ser a balizadora da qualidade da educação no País por meio do estabelecimento de um patamar de aprendizagem e desenvolvimento a que todos os alunos têm direito! (BRASIL, 2018 p.1)

Em termos gerais a BNCC é uma normativa que se propõe a pensar o que os alunos devem aprender/desenvolver em sua escolarização desde a educação infantil até o ensino médio no Brasil. Esse alinhamento foi construído a partir de inúmeros encontros e passou por diversas versões até sua conclusão e homologação.

Nesse contexto veremos a importância e como a Geografia aparece no documento assim como a Cartografia, enquanto ciência auxiliar, são pretendidas nas habilidades propostas. A Geografia – enquanto ciência humana – faz parte da etapa do ensino fundamental a partir do 6º ano, quando se encerra a monodocência e os alunos passam a ter disciplinas separadas por áreas e com mais de um professor atuando. Nessa etapa é proposto, no texto, competências específicas a serem desenvolvidas a partir de unidades temáticas elaboradas para esse componente curricular; na busca de um raciocínio interpretativo geográfico tendo como princípio a analogia, conexão, diferenciação, distribuição, extensão, localização e ordem (BRASIL, 2018).

Nesse sentido, temos a competência número 7 da área de Ciências Humanas do ensino

fundamental, que nos traz a importância da linguagem cartográfica para um entendimento espaço-temporal e está relacionada diretamente a conceitos geográficos:

Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica e diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação no desenvolvimento do raciocínio espaço-temporal relacionado a localização, distância, direção, duração, simultaneidade, sucessão, ritmo e conexão (BRASIL, 2018, p. 357).

Para a construção dessa competência, temos as competências desenvolvidas para aplicação específica da Geografia do ensino fundamental. Nesse caso selecionamos a competência número 4 na qual também salienta a importância do uso da Cartografia para um entendimento espacial:

Desenvolver o pensamento espacial, fazendo uso das linguagens cartográficas e iconográficas, de diferentes gêneros textuais e das geotecnologias para a resolução de problemas que envolvam informações geográficas (BRASIL, 2018, p. 366).

Para diferenciarmos os conceitos de habilidades e competências, a professora Costella (2011) nos ensina que competência é um conhecimento já obtido, já construído a partir da articulação de habilidades lógicas utilizadas a partir de processos internos que capacitem o indivíduo a entender e aplicar o conhecimento a partir de um fato/evento novo significando-o. Essas articulações de raciocínio utilizadas são as habilidades. Competência é uma habilidade mais abrangente, mais complexa e uma habilidade é reconhecida como uma competência de menor alcance (COSTELLA, 2011). Nesse raciocínio, temos, portanto, que toda competência já consolidada, por assim dizer, será uma habilidade utilizada na busca de uma nova competência em um processo de construção interpretativa/evolutiva do indivíduo, adaptada para uma nova realidade, um novo conhecimento/desafio.

Assim a contribuição da Cartografia no sentido de ajudar efetivamente para uma espacialização do aluno se dá através de habilidades pré-definidas e trabalhadas, conforme a BNCC, direta ou indiretamente, em todos os anos do ensino fundamental desde os anos iniciais até os finais. Após análise das habilidades estabelecidas na BNCC – enfatizando os anos finais do ensino fundamental (de 6º a 9º anos), selecionamos, a fim de demonstrar a pertinência da cartografia para se entender a geografia – as que aparecem diretamente ou são pertinentes no que tange a conhecimentos cartográficos para compreensão espacial iniciando pelo 6º ano:

6º ano: “ (EF06GE08) Medir distâncias na superfície pelas escalas gráficas e numéricas dos mapas” e “ (EF06GE09) Elaborar modelos tridimensionais, blocos-diagramas e perfis topográficos e de vegetação, visando à representação de

elementos e estruturas da superfície terrestre” (BRASIL, 2018, p. 383).

Para o sétimo ano:

7º ano: “(EF07GE09) Interpretar e elaborar mapas temáticos e históricos, inclusive utilizando tecnologias digitais, com informações demográficas e econômicas do Brasil (cartogramas), identificando padrões espaciais, regionalizações e analogias espaciais”; “(EF07GE10) Elaborar e interpretar gráficos de barras, gráficos de setores e histogramas, com base em dados socioeconômicos das regiões brasileiras” (BRASIL, 2018, p. 385).

Para o oitavo ano:

8º ano: “(EF08GE18) Elaborar mapas ou outras formas de representação cartográfica para analisar as redes e as dinâmicas urbanas e rurais, ordenamento territorial, contextos culturais, modo de vida e usos e ocupação de solos da África e América”; “(EF08GE19) Interpretar cartogramas, mapas esquemáticos (croquis) e anamorfozes geográficas com informações geográficas acerca da África e América” (BRASIL, 2018, p. 389).

Para o nono ano:

9º ano: “(EF09GE14) Elaborar e interpretar gráficos de barras e de setores, mapas temáticos e esquemáticos (croquis) e anamorfozes geográficas para analisar, sintetizar e apresentar dados e informações sobre diversidade, diferenças e desigualdades sociopolíticas e geopolíticas mundiais”; “(EF09GE15) Comparar e classificar diferentes regiões do mundo com base em informações populacionais, econômicas e socioambientais representadas em mapas temáticos e com diferentes projeções cartográficas” (BRASIL, 2018, p. 393).

Conforme demonstrado, portanto, vemos que as habilidades apresentadas na BNCC para os objetos de conhecimento geográfico evidenciam e valorizam a representação cartográfica em todas as etapas de ensino e essas justificam a sua importância no desenvolvimento do pensamento espacial dos alunos frente as categorias de análise do espaço trabalhadas no ensino escolar pela geografia.

Trabalharemos com o 6º ano, através das habilidades EFOGEO1, EFOGEO7 e EFO6GEO8, para aplicar atividades que propõe auxiliar e identificar no próprio processo a partir do desenvolvimento dos alunos a importância da cartografia para a espacialização e compreensão dos conceitos.

### **3 METODOLOGIA – Percursos metodológicos – desafios, encontros e novas dúvidas.**

Este trabalho que se ancora na Pesquisa Qualitativa, está baseado em leituras sob as lentes de autores como: Minayo (2001), Trivinos (1987), assim como outros autores que são referência nas metodologias de pesquisa e embasaram o referencial teórico utilizado.

A metodologia de análise adotada é a da triangulação com uma aproximação na pesquisa-ação, segundo Triviños, (1987):

A técnica da triangulação tem por objetivo básico abranger a máxima amplitude na descrição, explicação e compreensão do foco em estudo. Parte de princípios que sustentam que é impossível conceber a existência isolada de um fenômeno social, sem raízes históricas, sem significados culturais e sem vinculações estreitas e essenciais com uma macrorrealidade social. Tais suportes teóricos, complexos e amplos, não tornam fáceis os estudos qualitativos. (TRIVIÑOS, 1987, p.38)

A pesquisa foi aplicada na Escola Estadual de Ensino Fundamental Visconde de São Leopoldo, situada no município de São Leopoldo – RS, na turma de sexto ano com aproximadamente trinta alunos. As oficinas foram aplicadas no dia 28 de novembro de 2019 com a participação de 26 alunos de apenas uma turma.

A pesquisa qualitativa é usada para descobrir tendências de pensamento e opiniões, onde o número da amostra não é o mais importante e sim a análise e interpretação.

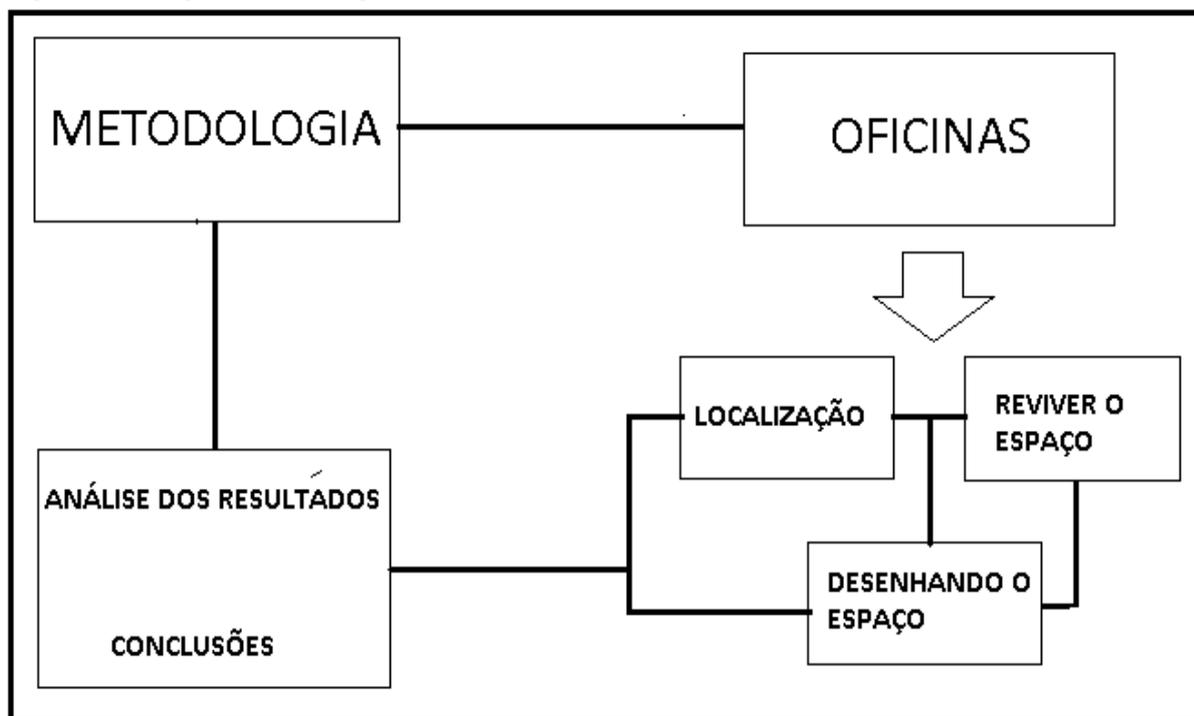
A pesquisa-ação é uma forma de investigação baseada em uma autorreflexão coletiva empreendida pelos participantes de um grupo social de maneira a melhorar a racionalidade e a justiça de suas próprias práticas sociais e educacionais, como também o seu entendimento dessas práticas e de situações onde essas práticas são realizadas (TRIVIÑOS, 1987).

Foi citada a aproximação, pois a todo o momento foi refletido e buscado a associação das experiências obtidas enquanto professor de Geografia, e dialogando com o docente das turmas pesquisadas. No entanto, por se tratar de um trabalho de conclusão de curso, se teve pouco tempo para a busca de soluções para os problemas de pesquisa. Não foi possível aplicar na plenitude o método investigativo, todavia, se teve um panorama inicial sobre como os educandos refletem e aplicam essa reflexão em atividades que trabalhem a sua espacialidade.

Por fim, com base nas leituras das metodologias supracitadas, concebeu-se a tentativa de organização investigativa para chegar aos resultados pretendidos. Organizou-se três oficinas baseadas tanto nas metodologias supracitadas quanto nas premissas educacionais da Geografia e

da Base Nacional Comum Curricular.

Figura 1 – fluxograma metodológico



Fonte: elaborado pelo autor.

#### 4- OFICINAS

Nesse capítulo, numa tentativa de conectar a teoria com a prática, será descrito as oficinas aplicadas na turma de 6º ano do Ensino fundamental; desde suas escolhas, aplicação e reflexões feitas a partir de novas perguntas. A partir de conceitos trazidos nos referenciais teóricos de diversos autores já discutidos no capítulo 2 e a Base Nacional Comum Curricular, foram formuladas oficinas que abranjam conceitos geográficos dentro de uma interdisciplinaridade pretendida que demonstraram como os alunos aplicam habilidades já desenvolvidas nos anos iniciais do ensino fundamental, suas noções de leitura espacial a partir da cartografia, além de suas dificuldades ainda presentes na articulação dessas mesmas noções no momento de sua aplicabilidade em atividades. Essas oficinas embora estejam desenvolvidas e explicitadas de maneira separadas, estão organizadas/construídas em momentos, pois foram aplicadas no mesmo dia por questões de calendário escolar e **greve**.

Organizou-se o capítulo em duas etapas: a construção das oficinas e seus objetivos, a aplicação das oficinas e seus momentos e por fim as reflexões obtidas a partir das observações feitas durante o processo e retorno dado pelos alunos nas próprias atividades.

As habilidades inicialmente pensadas para as atividades segundo a BNCC (2018) foram:

- Habilidade EFO6GEO1: Comparar modificações das paisagens nos lugares de vivência e os usos desses lugares em diferentes tempos.

Habilidade EFO6GEO7: Identificar as características das paisagens transformadas pelo trabalho humano a partir do desenvolvimento da agropecuária e do processo de industrialização.

- Habilidade EFO6GEO8: Medir distâncias na superfície pelas escalas gráficas e numéricas dos mapas.

No entanto percebemos que para dar conta do tempo de aplicação e conforme se deu a elaboração das atividades, optamos por trabalhar apenas a habilidade EFO6GEO1.

#### 4.1 CONSTRUÇÃO E APLICAÇÃO DAS OFICINAS.

As oficinas foram construídas a partir de um formato de aulas e foram pensadas para os anos finais do ensino fundamental, neste caso o recorte se deu para o 6º ano. Essa escolha foi definida com base nas competências buscadas para a etapa e as habilidades pretendidas para a atividade contidas na BNCC, pois embora haja uma valorização da Cartografia em todos os anos do ensino fundamental, busca-se que os alunos, na transição dos anos iniciais para os finais; atinjam níveis crescentes de complexidade na compreensão conceitual a respeito da produção do espaço (BRASIL, 2018). Além disso, mesmo que de maneira subjetiva, carregada de empirismo, tenham construído noções de interpretação espaciais de fenômenos geográficos, bem como um entendimento dos símbolos cartográficos para interpretação e leitura de representações espaciais contidas nas atividades.

Como supracitado, embora essas oficinas, para cumprir com o objetivo do trabalho, tenham sido aplicadas na etapa definida, não é impeditivo que sejam adaptadas, modificadas e testadas em outras seriações com estudantes de outras faixas etárias. Não se buscou uma grande inovação no que diz respeito à metodologia e conteúdo, dado o pouco tempo para aplicação e aprofundamento, o que foi trabalhado é o que consta nas diretrizes e o que se busca para fins de educação cidadã e obtenção de um raciocínio geográfico (BRASIL, 2018). A proposição, sim, está calcada em uma sistematização e forma de abordagem pessoal a partir de interpretações e ideias adaptadas de autores (CASTROGIOVANNI; COSTELA, 2016) e estão numeradas propositalmente indicando uma relação de conteúdos que se considera pertinente para as

observações e busca dos resultados, assim como a metodologia de ensino partindo do mais palpável para o mais complexo dentro dos conceitos procurados, sem escapar do lúdico – ainda muito presente nos educandos.

### **OFICINA 1 – LOCALIZANDO-SE A PARTIR DE ELEMENTOS ESPACIAIS AFETIVOS (ESCOLA/BAIRRO)”**

**Material utilizado:** Imagem de satélite do bairro em que está situada a escola (Figura 1) e folha em branco para registro de croqui.

Figura 2 – Representação do bairro centro



Fonte: Google Earth adaptado pelo autor.

**Dinâmica:** Inicialmente, apresentei-me aos alunos e expliquei como ocorreria a dinâmica e a aplicação de algumas atividades propostas sobre Geografia além de salientar que o tema teria relação com a vivência deles e com o que eles estão trabalhando na etapa na qual se encontram. Após, foi entregue uma imagem de satélite onde os alunos tiveram uma visão tridimensional do local contendo um recorte do bairro onde a escola está situada. Tanto a escola como a praça dos correios aparecem na imagem ampliadas para os alunos perceberem que se trata do mesmo local que eles conhecem, porém de um outro ângulo de observação. Em seguida foi solicitado que observassem detalhadamente a imagem e foi feito uma breve explanação, através de questionamentos, sobre alguns assuntos (conceitos) para ambientação e rememoração:

- Vocês sabiam que podemos nos orientar pelo movimento aparente do sol?
- Vendo a imagem quais símbolos podemos utilizar para localizar-nos?
- Para que serve a rosa dos ventos?
- Você já tinha visto alguma dessas imagens do bairro?

Esses questionamentos foram feitos na tentativa de conduzir o olhar dos alunos para essas questões através da imagem e instigá-los a participar dando suas respostas sem a necessidade de registro textual.

Numa segunda parte após a participação inicial, respostas e observações feitas na imagem, foi solicitado que os alunos localizassem elementos presentes na paisagem urbana da imagem, algo que eles conhecessem e que pontuassem na própria folha lugares e ou estabelecimentos. Em seguida após a identificação foi solicitado que os alunos, a partir dos elementos que localizaram, escolhessem um deles para fazer um croqui na folha em que lhes foi entregue ampliando o desenho conforme o exemplo utilizado na Imagem (Figura 1)

Para finalizar essa primeira oficina, foi solicitado para que explicassem, registrando textualmente na folha, porque escolheram aquele (s) elemento (s) em específico para produção do croqui. Não foi elencado nenhum padrão para as respostas, elas foram livres apenas com explicações

## **OFICINA 2 - REVIVENDO O ESPAÇO AFETIVO ATRAVÉS DA IMAGINAÇÃO**

**Material utilizado:** Mapa com imagem de satélite do bairro em que está situada a escola (Figura 1) e folha com perguntas (Anexo 1) para registro textual.

**Dinâmica:** Para dar continuidade nas atividades e buscando ampliar os olhares/interpretações para o mesmo local, foi utilizado novamente a Imagem de Satélite da Figura 1 e perguntado aos alunos como eles conseguiam se localizar e orientar a partir dele. Disponibilizou-se alguns minutos para nova análise. Tentou-se, com esse questionamento, verificar se os alunos já estavam familiarizados, conforme questionado na OFICINA 1, e utilizavam os símbolos cartográficos tanto para localização e interpretação do espaço representado na Imagem de Satélite, como também, conseqüentemente, leitura do mesmo.

Em seguida foi entregue a folha (Anexo 1) com 4 perguntas para, utilizando a representação cartográfica, responderem as seguintes questões:

- Você consegue se localizar e observar os pontos cardeais presentes no mapa?
- Se você estivesse em frente à escola e com seu olhar direcionado para o Norte, a praça dos brinquedos estará a sua esquerda ou à sua direita?
- Olhando para a Imagem de Satélite na qual aparece a escola, o lado esquerdo ou direito do seu corpo corresponde a qual sentido conforme a Rosa dos Ventos?
- No mapa podemos observar prédios em formato cônico presentes na paisagem. Seguindo o Norte geográfico em relação a escola eles estão em qual sentido?

Para encerrar essa segunda oficina foi feita a seguinte questão:

- Observando a imagem de satélite que contém parte do bairro da escola, você consegue identificar a posição geográfica do bairro onde você mora? Faça uma seta a partir da escola direcionada para sua casa. Crie um símbolo para sua casa e faça uma legenda que a represente na parte inferior do mapa. Tentou-se verificar com essas questões novamente a interpretação espacial dos alunos e sua familiaridade com os símbolos cartográficos e seus significados, tais como: escala, norte geográfico (rosa ventos), lateralidade, (profundidade, cima baixo) identificação e direção de elementos através de sua forma.

### OFICINA 3 - PAISAGEM NO MAPA: O ALUNO REDEFININDO/DESENHANDO SEU ESPAÇO

**Material utilizado:** Mapa com imagem de satélite do bairro em que está situada a escola (Figura 1) folha de atividades (Anexo 2) com foto da rua em frente à escola (Figura 2) e mapa (Figura 3)

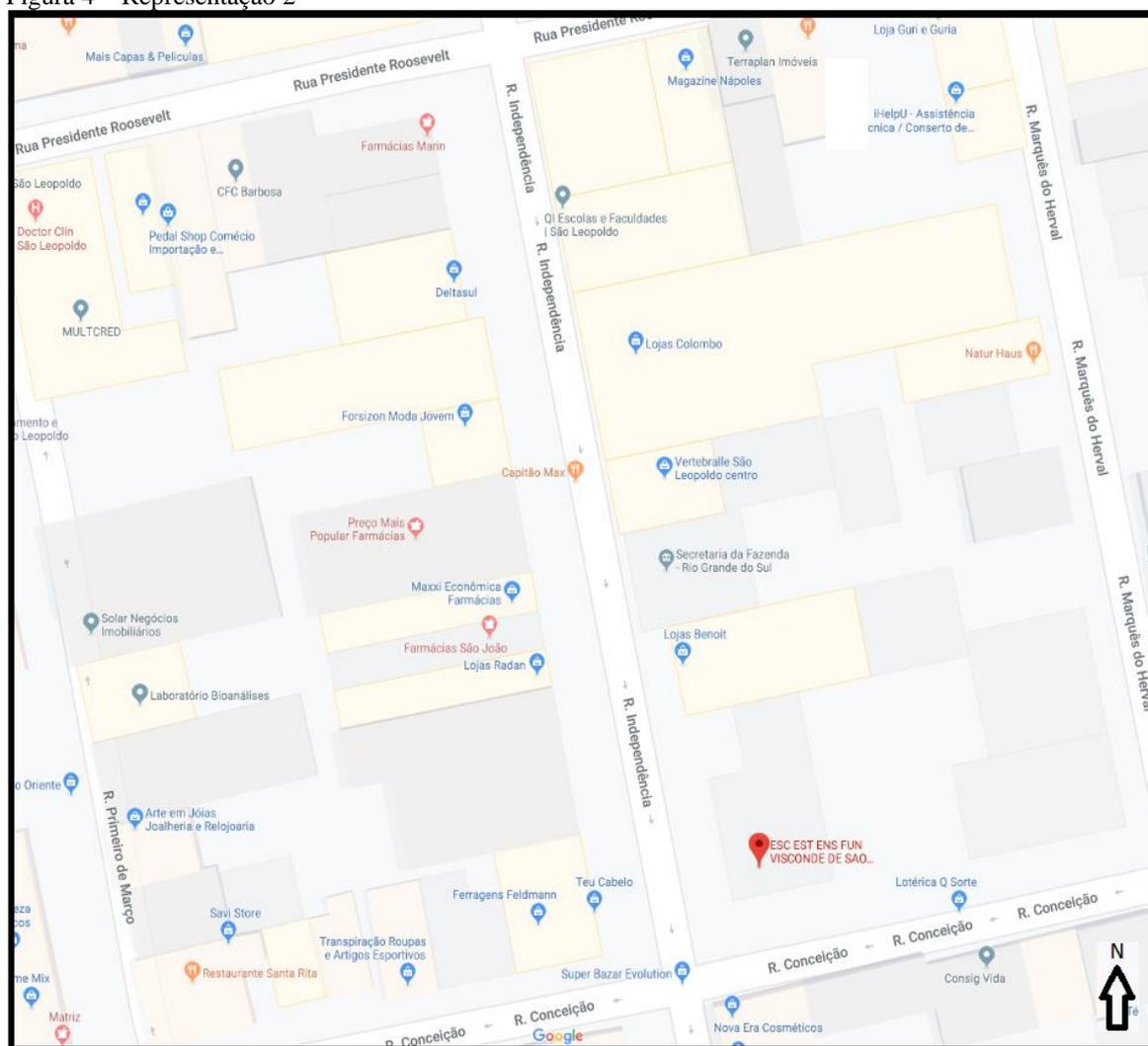
**Dinâmica:** para concluir a oficina foi entregue, como terceira tarefa, uma folha para os educandos com a foto da principal rua do bairro (Figura 2) e um novo mapa (Figura 3) para auxiliar na visualização e conclusão da atividade.

Figura 3 – Foto rua da escola



Fonte: Acervo do autor

Figura 4 – Representação 2



Fonte: Google Earth adaptado pelo autor

Em seguida foi solicitado para que iniciassem observando a foto (Figura 2) no qual aparece a rua em frente à escola, dando-lhes uma amostra visual da paisagem. Concomitantemente lhes foi entregue o mapa (Figura 3) adaptado do Google Earth para terem uma visão sinoptica da representação cartográfica e identificarem os elementos da paisagem presentes no mapa suas formas e funções, tais como: escola, ruas próximas e estabelecimentos comerciais. Essa identificação foi apontada na foto e registrada na folha (anexo 2).

Para encerrar foi solicitado que, a partir da leitura da foto (Figura 2) os alunos substituíssem, preenchendo na folha na Figura 3, três elementos da paisagem, no mínimo, por outros três que eles gostariam que existissem no lugar e explicassem o porque da escolha, além de criarem uma legenda que representassem esses novos elementos no mapa. As atividades eram individuais e não foi dado nenhum parâmetro para a escolha, foi solicitado apenas para que refletissem quanto as possibilidades para a a localidade, pois o bairro é situado no centro da

cidade.

Por fim, foi solicitado uma reflexão sobre as escolhas e pedido para que pensassem, registrando textualmente, quais dos elementos novos por eles elencados na nova paisagem poderiam ser colocados em seus bairros de moradia; e se essas mudanças melhorariam o lugar.

#### 4.2 REFLEXÕES E PROPOSTAS

Foi escolhida uma turma da 6º etapa dos anos finais do ensino fundamental com base no enfoque da pesquisa que está calcada no desenvolvimento da espacialidade utilizando métodos da Cartografia. Esse período do ensino fundamental, conforme Base Nacional Comum Curricular, propõem a continuidade do desenvolvimento de habilidades e competências ligadas à espacialidade, tanto no que se refere ao Espaço Geográfico, quanto a questões psicomotoras e perceptivas. A turma 61, da Escola Estadual de Ensino Fundamental Visconde de São Leopoldo, especificamente fora escolhida dada a disponibilidade da escola, dos alunos e do professor regente. A turma é composta por 27 alunos, 18 meninas e 9 meninos com idade entre 11 e 14 anos e todos são moradores de São Leopoldo

Para reflexão e análise da aplicação das oficinas, iniciou-se revendo todo o material entregue pelos alunos e seus registros textuais. Por questão de tempo optamos por selecionar aleatoriamente de 3 a 5 trabalhos de cada oficina para análise e posterior reflexão das respostas, muito além de uma análise de resultados buscamos outras possibilidades metodológicas para o ensino de Geografia a partir das respostas dadas pelos alunos e a pertinência ou não presentes em qualquer planejamento nas atividades.

Na primeira oficina 1, **LOCALIZANDO-SE A PARTIR DE ELEMENTOS ESPACIAS AFETIVOS (ESCOLA/BAIRRO)**, entendemos que a utilização do mapa e dos questionamentos se mostraram satisfatórios pois ajudaram na prática docente e também benéfica para os alunos que demonstraram um interesse maior e utilizando o mapa conseguiram abstrair e descentralizar seu raciocínio para realizar as propostas além de trazerem outras questões como o emocional e o afetivo, como no exemplo das figuras 5 e 6 conforme atividade (Anexo 1):

Figura 5 – ATIVIDADE DA OFICINA 1 ALUNO 1

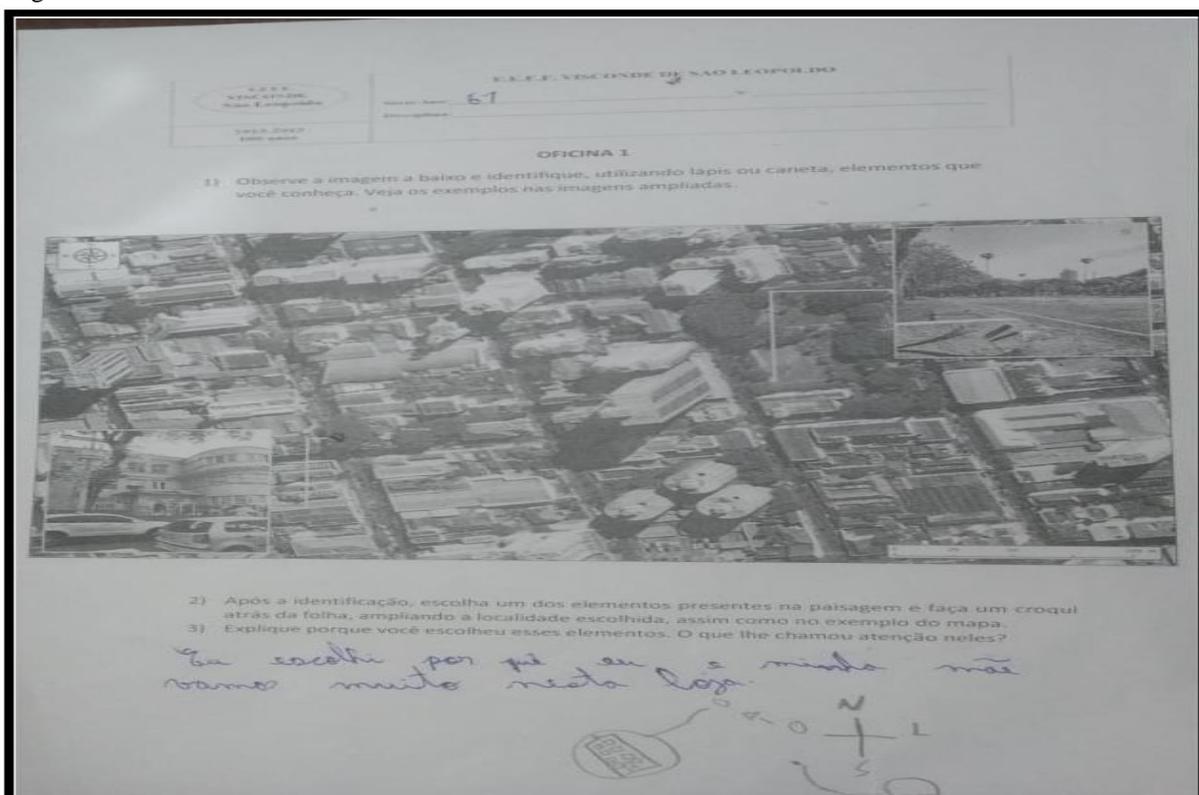
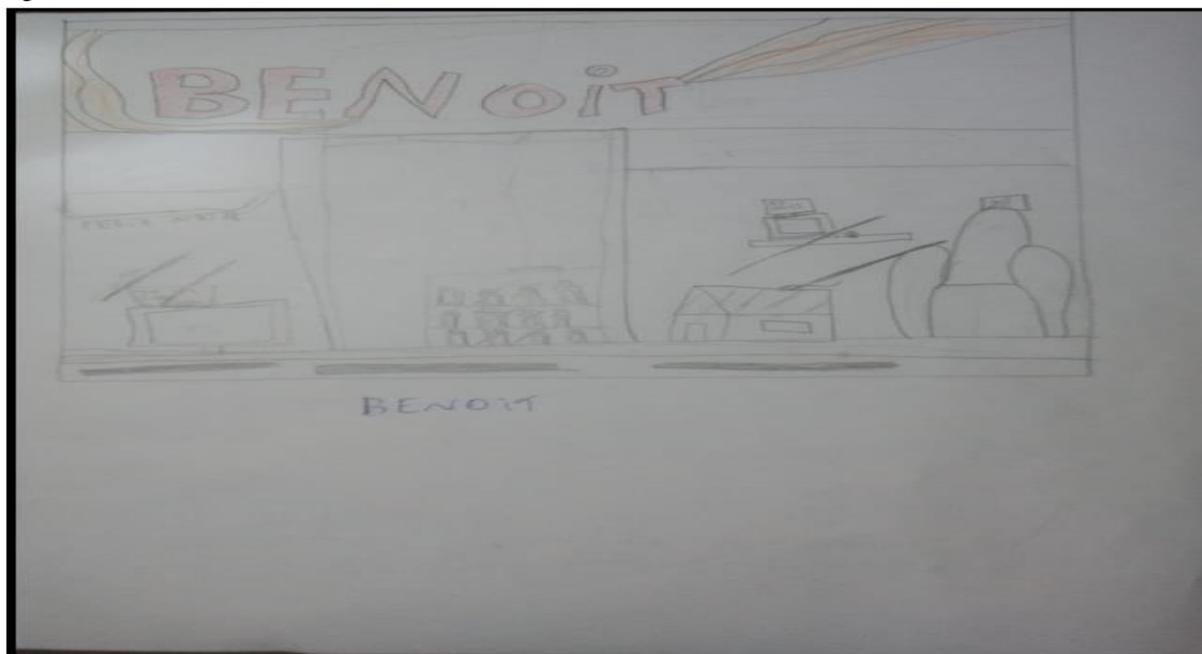


Figura 6 - ATIVIDADE DA OFICINA 1 ALUNO 2



Nessas figuras pode-se observar que o aluno utilizou a imagem como proposto e identificou um elemento da paisagem, no caso, um estabelecimento comercial que possui uma lembrança afetiva para ele dos passeios com sua mãe para realizar compras. Outra importante questão trata-se do croqui no qual a aluno, utilizando o exemplo dado na folha da atividade, desenhou a fachada do prédio, com a vitrine e o nome, mesmo sem ter essa imagem presente no mapa. Foi possível também, através do mapa, identificar o estabelecimento como elemento que compõe a paisagem urbana do local e através dessa memória criar uma representação. Isso demonstra que a proposta de atividade cartográfica presente na oficina contribuiu para o educando identificar e transpor, através de uma interpretação pessoal, sua representação da paisagem cumprindo assim, possivelmente, um início de desenvolvimento das habilidades presentes na BNCC para a etapa, como por exemplo: “Identificar as características das paisagens transformadas pelo trabalho humano a partir do desenvolvimento da agropecuária e do processo de industrialização”

Outros alunos escolheram elementos que lhes chamavam atenção, seja pelo tamanho e exuberância no bairro ou por sua função, no caso: prédios residenciais em formato cônico que chama muito a atenção e estão próximos a escola. Alguns inclusive - talvez por residirem longe do centro, onde está a escola, ou por morarem em residência mais precarizadas responderam que gostariam de morar nesses condomínios, como nos exemplos das figuras 7 e 8:

Figura 7 – ATIVIDADE DA OFICINA 1 ALUNO 3

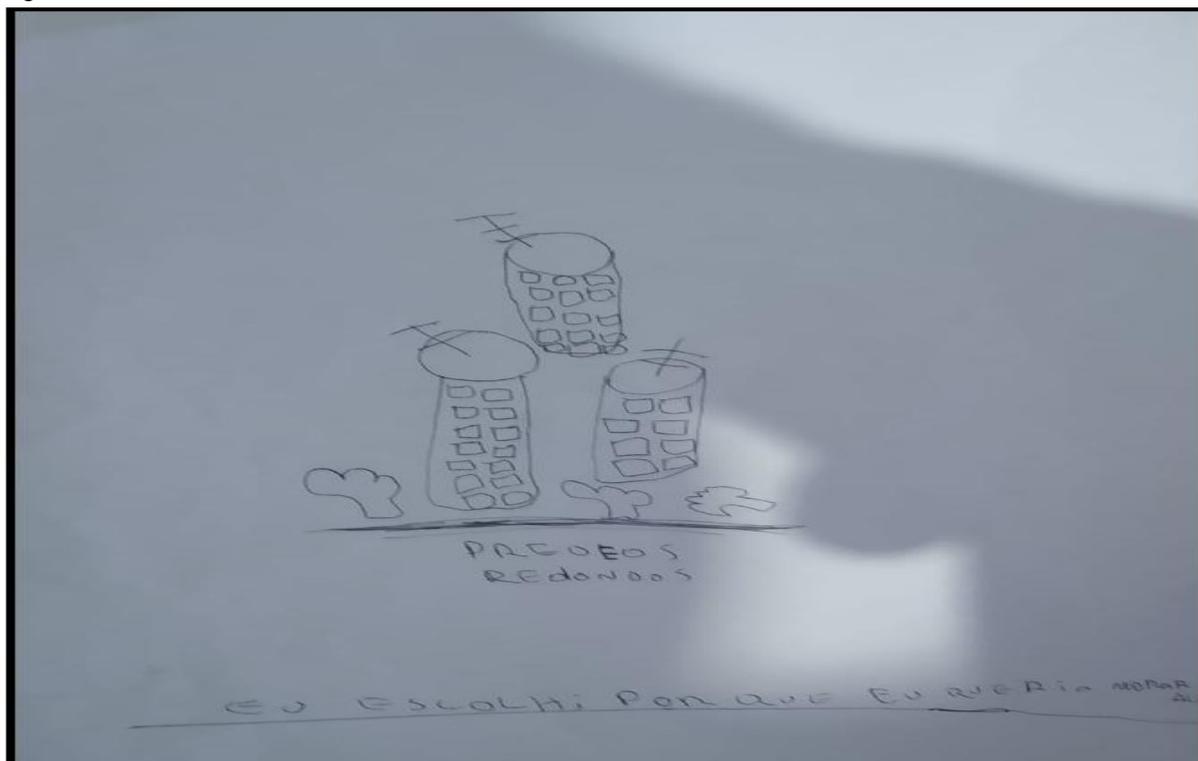
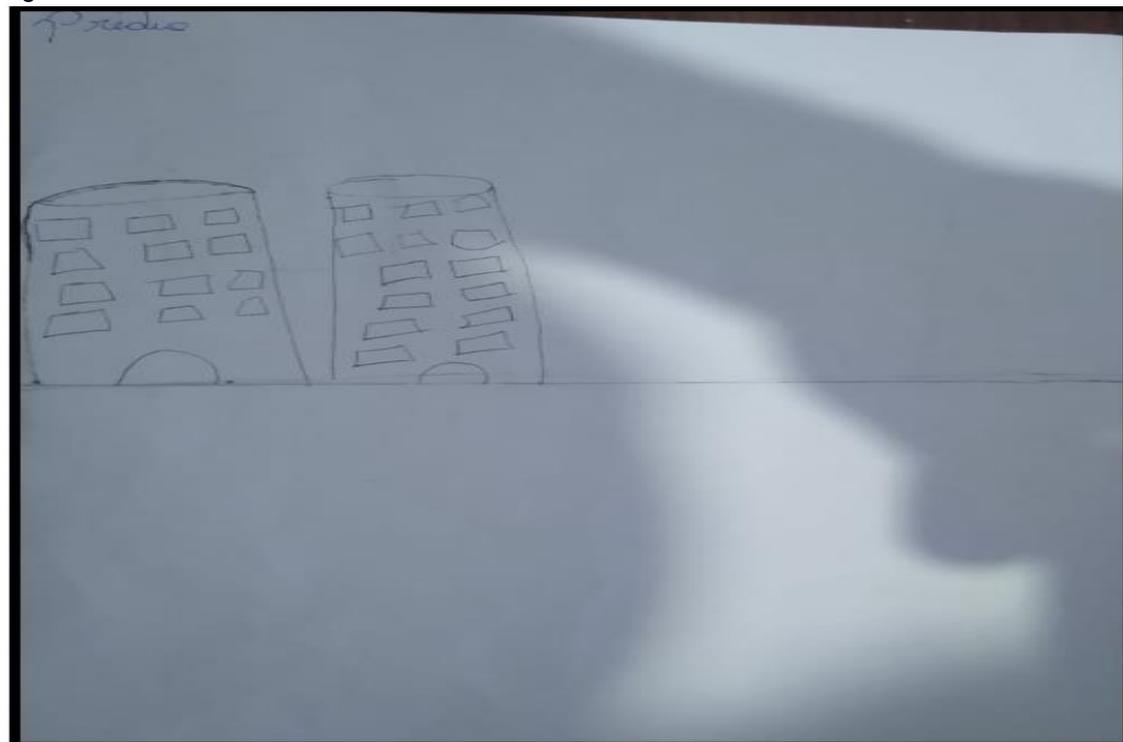


Figura 8 – ATIVIDADE DA OFICINA 1 ALUNO 4



Os exemplos anteriores nos fizeram concluir que a reflexão feita pelos educandos nas atividades foi potencializada devido a utilização do mapa, pois através dele, o aluno conseguiu compreender o recorte do espaço geográfico, e outras categorias de análise do mesmo, perceber o lugar através da escola, visualizar e comparar os elementos da paisagem, utilizar símbolos

cartográficos, tais como legenda, além de questionar a própria moradia, por motivos não mencionados, mas que os levaram a essa reflexão. Os demais alunos mostraram a mesma tendência em suas respostas, de maneira geral conseguiram realizar a atividade e mostraram-se, também, instigados durante o processo tanto pela proposta investigativa como também pela dinâmica realizada.

Na segunda oficina, **REVIVENDO O ESPAÇO AFETIVO ATRAVÉS DA IMAGINAÇÃO** buscou-se compreender através de algumas questões, a utilização dos símbolos cartográficos por parte dos alunos e perceber se eles faziam uso desses para interpretar o espaço representado através das categorias de análise utilizadas, como paisagem e lugar. Observando nas figuras 9, 10 e 11 da atividade (anexo 2):

Figura 9 – ATIVIDADE DA OFICINA 2 ALUNO 5

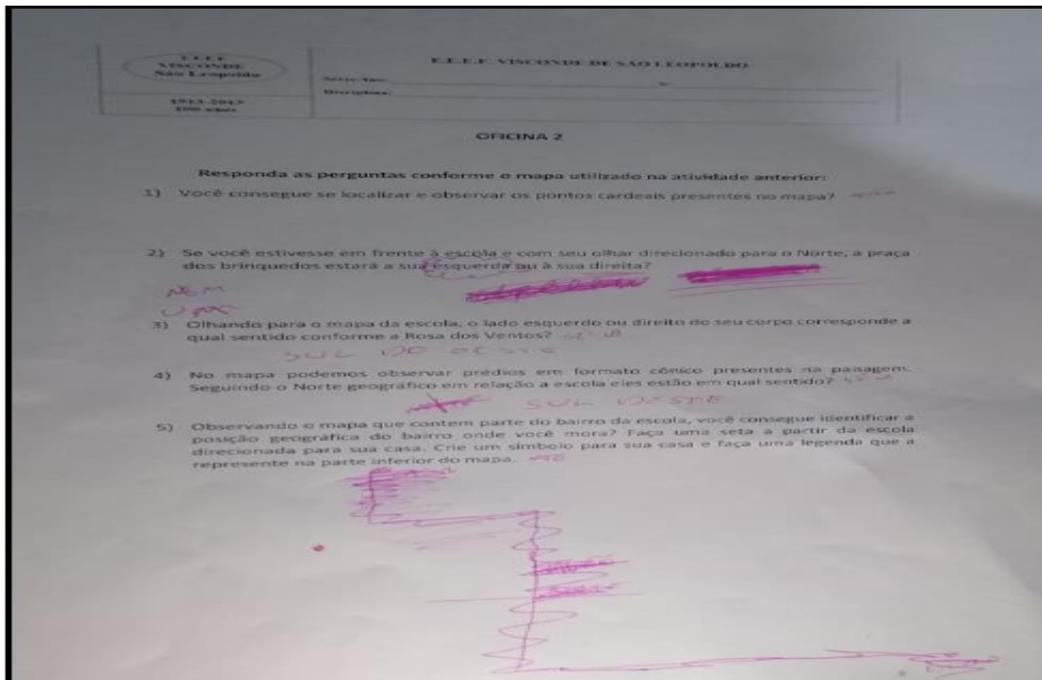


Figura 10 – ATIVIDADE DA OFICINA 2 ALUNO 6

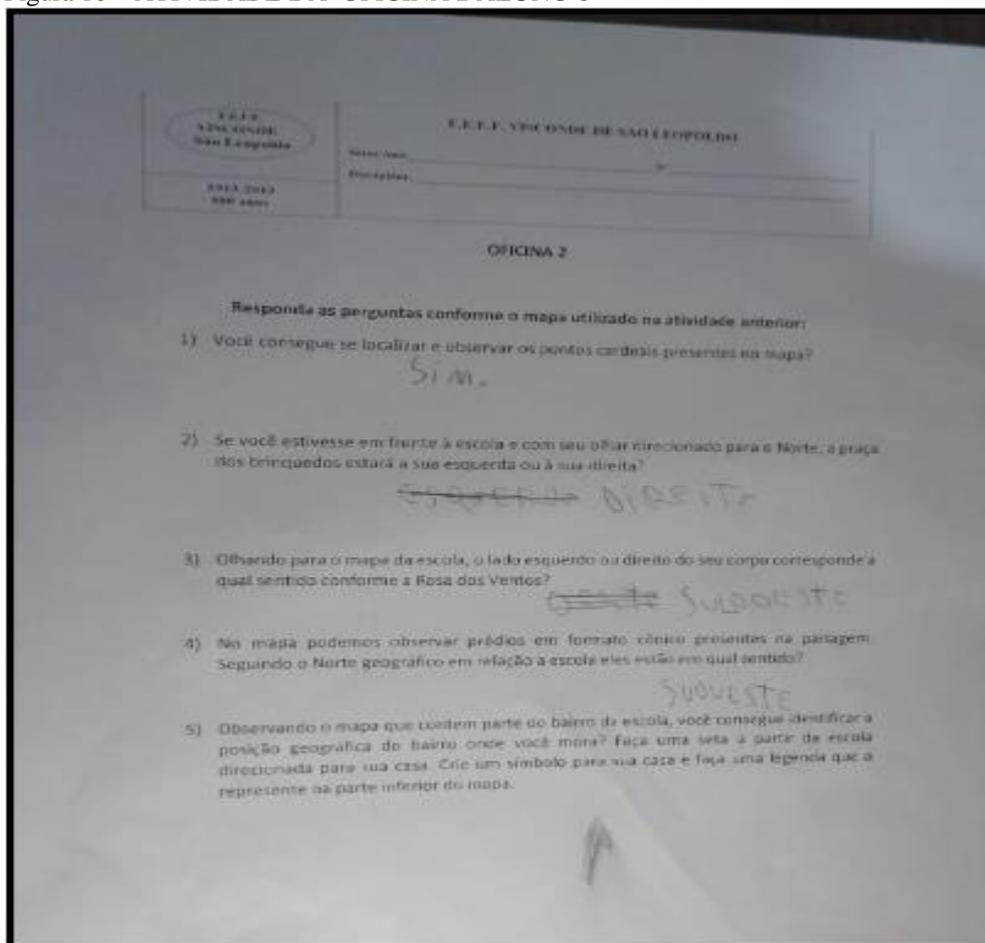
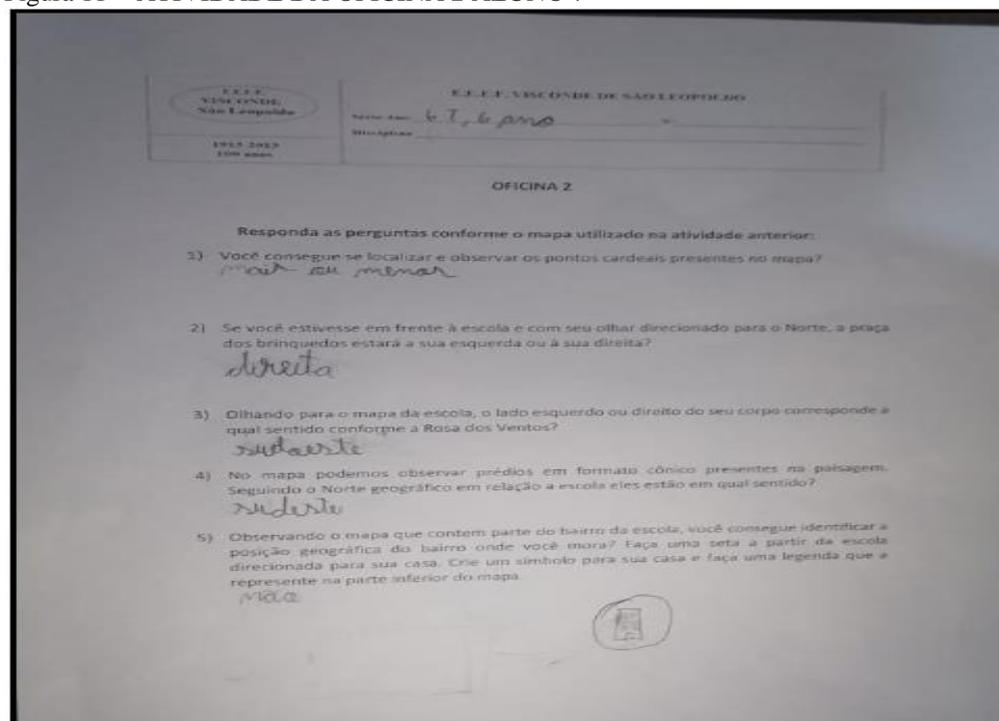


Figura 11 - ATIVIDADE DA OFICINA 2 ALUNO 7



Vemos pelas respostas que os alunos demonstram um domínio da orientação e localização dos elementos utilizando a rosa dos ventos, porém tiveram muita dificuldade no momento em que foi pedido para relacionar essa localização com a lateralidade através de uma descentração. Essa questão foi a mais “polêmica” e notadamente incomodou os alunos, pois não houve interferência do professor diretamente no que diz respeito as respostas, visto a ideia era que percebessem e respondessem da forma como entenderam. Muitos alunos levantaram das classes e foram utilizar o mapa maior (o mesmo mapa da figura 1 projetado em um equipamento de Datashow) percebeu-se que os alunos não conseguiram, nessa amostra, projetar a sua lateralidade a partir de outro referencial que não eles mesmos. De todos os registros textuais selecionados apenas um aluno (na imagem 5) identificou que a praça não estaria nem a esquerda nem a direita conforme questionada, mas, sim, a sua frente a leste do mapa.

Sobre a identificação dos pontos cardeais, nitidamente os alunos não entenderam a questão. Eles deveriam perceber os pontos através da rosa dos ventos, pois o mapa estava orientado, porém muitos responderam “não” ou “mais ou menos”, quando questionados sobre “onde observar os pontos cardeais no mapa”. O que mostra que talvez o modo como foi questionado não se mostrou eficaz, pois nas demais perguntas foi respondido adequadamente. É importante salientar que o tempo para aplicação impossibilitou articular com os alunos uma maior reflexão, pois as perguntas foram diretas. Possivelmente essas perguntas se trabalhadas em outro modelo, talvez mais lúdico, com outra abordagem, demonstrassem outras respostas, porém, concluímos que, independentemente da técnica aplicada, a reação dos alunos foi positiva para com a utilização do mapa e tentativa de perceber o espaço com outro ponto de vista.

Na terceira e última oficina, a PAISAGEM NO MAPA: O ALUNO REDEFININDO/DESENHANDO SEU ESPAÇO, objetivamos trabalhar a percepção espacial do aluno a partir de novas imagens e mapa, como o aluno mudaria a paisagem do bairro se assim o pudesse. Observamos nas figuras 12, 13 e 14 da atividade (anexo 3):

Figura 12 - ATIVIDADE DA OFICINA 3 ALUNO 8

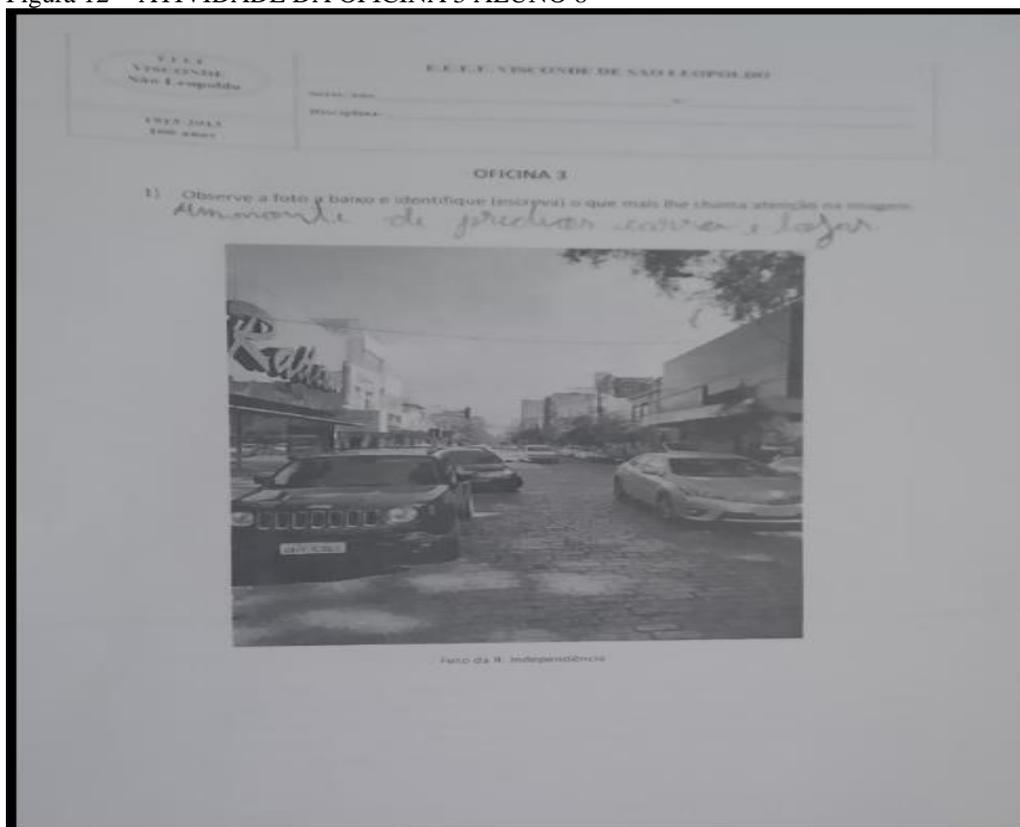


Figura 13 – ATIVIDADE DA OFICINA 3 ALUNO 9

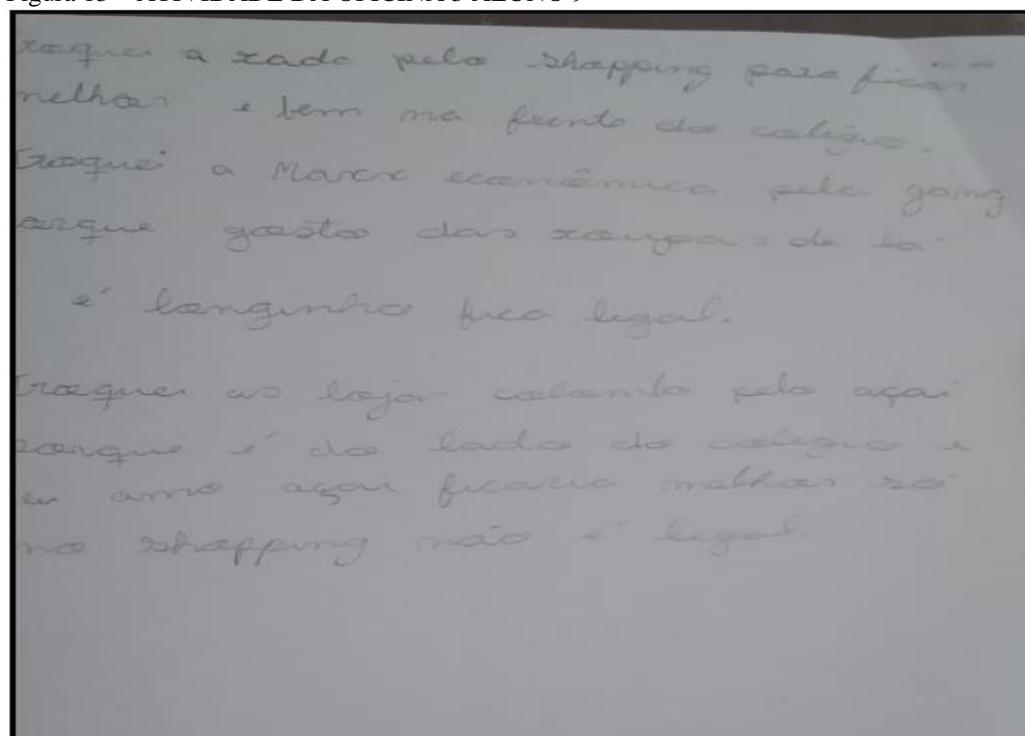
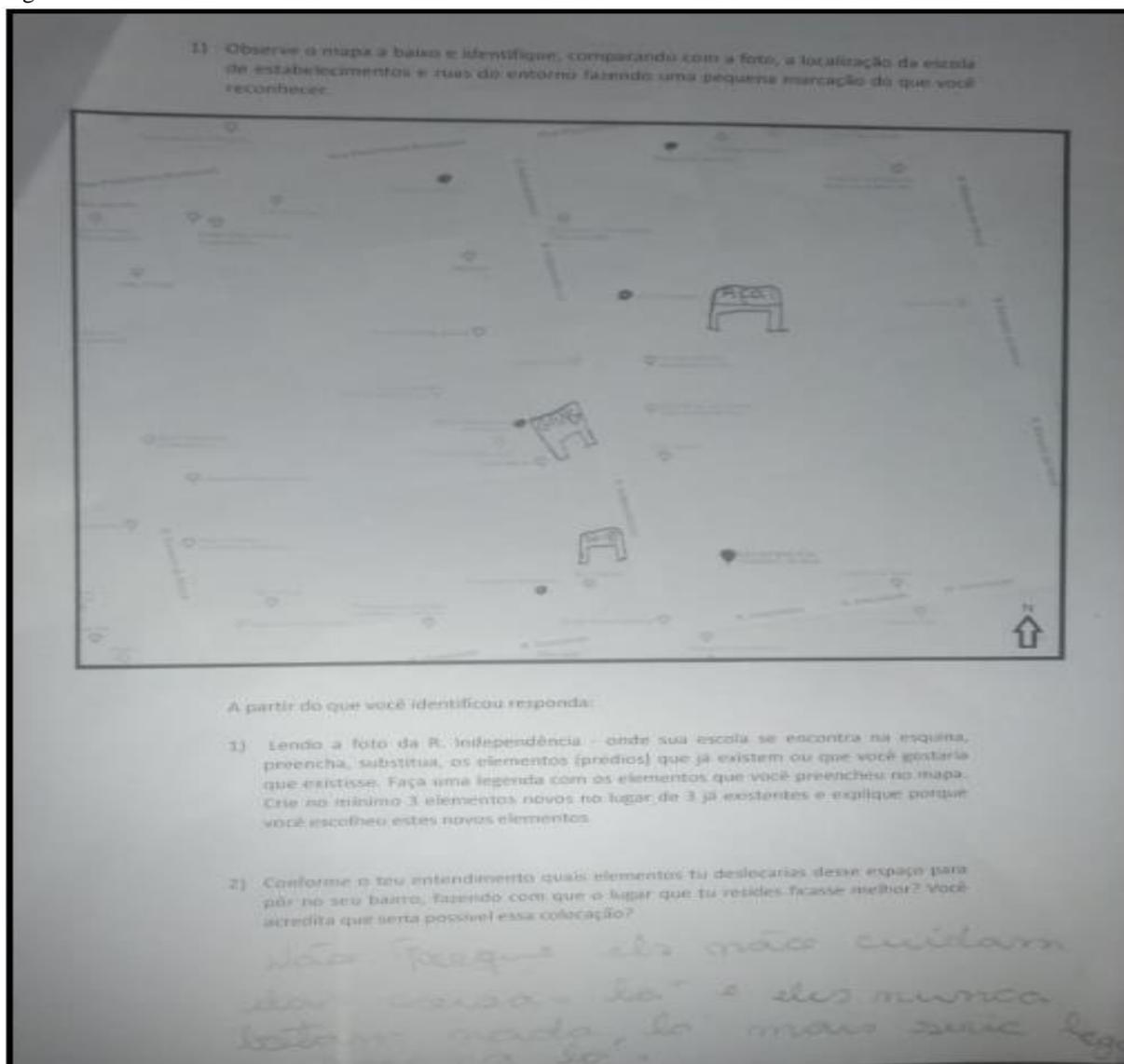


Figura 14 – ATIVIDADE DA OFICINA 3 ALUNO 10



Analisando as respostas sobre o que lhes chamava atenção na foto da rua, em sua maioria os alunos citaram elementos transitórios, como alguns modelos de veículos que aparecem na imagem, e estabelecimentos comerciais. A foto em questão (Figura 2) é propositalmente direcionada para a principal rua do bairro, porém de um olhar onde não aparece a Escola, exatamente para verificar como os alunos articulam a localização da rua da Figura 2 com o mapa (Figura 3).

Observou-se que após a conclusão das oficinas 1 e 2 os alunos, mesmo com a turma demonstrando uma certa agitação com o passar do tempo e aproximação do intervalo, já estavam mais familiarizados tanto com a dinâmica quanto com a própria análise das imagens e símbolos cartográficos utilizados, portanto identificaram com certa facilidade os elementos conhecidos do bairro, conforme demonstrado na imagem 10 mesmo utilizando uma cartografia diferente. No

entanto quanto a elaboração da segunda questão que se tratava de uma releitura da paisagem alterando os elementos existentes no local para outros em que os alunos gostariam que existisse, notou-se que alguns alunos, embora tenham feito a atividade, demonstraram desmotivação aparentemente, e responderam de forma rápida e sem uma reflexão pretendida. Possivelmente essa atividade se aplicada com maior disponibilidade de tempo obtivesse outras análise por parte dos alunos. Porém pode-se observar nas imagens selecionadas que, ainda assim, os alunos, retratam as modificações na paisagem para o tornar um lugar melhor na opinião deles a partir de sua realidade e sonhos.

Obteve-se as mais variadas respostas, desde “gostaria de um cinema” no lugar da loja em frente à escola para diminuir as filas constantes no cinema do shopping, até uma loja de açaí e Parque de diversões no lugar da Secretaria da Fazenda que fica na rua da escola. Notou-se que todas as respostas foram dadas conforme a ideia dos alunos de benefícios pessoais, exatamente na lógica comercial existente no centro da cidade, mas que nem todos tem acesso. Por outro lado, na questão seguinte os alunos majoritariamente responderam que não havia possibilidade de realocar esses mesmos estabelecimentos escolhidos para a rua de suas residências. Na Figura 8 e 10 o aluno demonstra certa revolta com a desvalorização do seu bairro, possivelmente mais afastado do centro urbano, afirmando “Lá eles não colocam nada” “não cuidam de nada” (Imagem 10).

Percebi, portanto, que propondo atividades com materiais diferenciados associando imagens, mapas, desenhos e com a contribuição da cartografia os alunos constroem os conceitos geográficos de lugar, paisagem, forma e localização, através da reflexão que realizam a partir de suas vivencias, ou seja, através da representação sentem-se parte do contexto e isso mostrou-se eficaz na aplicação das oficinas. Evidentemente que algumas dificuldades na condução e elaboração das práticas por parte do professor afetam de alguma maneira as demonstrações, as respostas, mas no processo de construção da pesquisa esses percalços auxiliam no aprendizado e na troca professor-aluno.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na aplicação das atividades notou-se que alguns alunos com um aparente conhecimento cartográfico já consolidado demonstraram uma compreensão mais objetiva das propostas das atividades e um entendimento mais elaborado, por conseguinte, dos conceitos propostos nas oficinas conforme as habilidades.

No geral a turma mostrou um conhecimento razoável da linguagem cartográfica, pois trabalharam no decorrer do ano letivo com o professor regente formado em Geografia, o que em um contexto de escola pública nem sempre acontece e, sem dúvida, fez toda diferença na pesquisa. Tanto na percepção dos alunos para elaborar suas intervenções e respostas como também na facilidade para execução do trabalho no momento da atividade.

O presente trabalho buscou elucidar, através do cumprimento de seus objetivos, uma análise da cartografia como ferramenta de ensino de Geografia através da aplicação de oficinas para o 6º ano do ensino fundamental. Ademais, tentou-se mostrar metodologias, com a própria pesquisa e construção das oficinas, de como abordar temáticas pertinentes a Geografia escolar através de atividades cartográficas relativamente simples, utilizando fotos, imagens de satélite, mapas e croquis.

Constatou-se também que considerando a situação atual referente a baixos investimentos em educação no país, além de toda precariedade, sobretudo no Estado do Rio grande do Sul, no que diz respeito a estrutura das escolas, foi possível com pouco custo financeiro elaborar atividades que trabalhassem de maneira mais interativa, partindo de elementos próximos do cotidiano dos alunos, instigando a participação e reflexão nos discentes que geralmente na faixa-etária em questão demonstram pouco interesse por Geografia.

Por fim considero que esse trabalho, em cada uma de suas etapas de desenvolvimento serviu de grande aprendizagem tanto como pesquisador quanto como professor, pois foi muito desafiador o processo como um todo, desde elencar referenciais, investigar, ler, elaborar e por fim aplicar oficinas em uma turma de etapa de 6º ano que, até então, não havia tido nenhuma experiência. O contato com os alunos foi muito engrandecedor, pois além da motivação para docenciar, novas inquietações e perguntas surgiram a partir dessa primeira pesquisa mais ampla de minha autoria, e dentro dos caminhos buscados para se alcançar os resultados e, principalmente, a experiência, cumpriram-se todos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, R. D.; PASSINI, E. Y. O espaço geográfico: ensino e representação. 15ª ed. – São Paulo: Contexto, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular - BNCC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#estrutura>. Acesso em: 16/11/2019.

CALLAI, Helena Copetti. Estudar o lugar para compreender o mundo. Livro Ensino de Geografia Práticas e textualizações no cotidiano. 2009. Ed. Mediação. 7ª Edição. Porto Alegre.

CALLAI, H. C. Aprendendo a ler o mundo: a Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. Cad. Cedes, Campinas, v. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago.2005.

CALLAI, Helena Copetti. O Ensino de Geografia: Recortes Espaciais para análise. Livro Geografia em sala de aula: práticas e reflexões. 2010. Ed. UFRGS. 5ª Edição. Porto Alegre

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. Apreensão e compreensão do espaço geográfico. Livro Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano. 2009. Ed. Mediação. 7ª Edição. Porto Alegre.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. Apreensão e compreensão do espaço geográfico. Livro Ensino de Geografia Práticas e textualizações no cotidiano. 2009. Ed. Mediação. 7ª Edição. Porto Alegre.

CASTROGIOVANNI, A. C.; COSTELLA. R. Z. Brincar e Cartografar com os diferentes mundos geográfico: a alfabetização espacial. 2. ed. Porto Alegre: Ed PUCRS, 2016.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. O LUGAR DA GEOGRAFIA NO ENTRE-LUGAR DO ESPAÇO TURÍSTICO. Uma viagem complexa que ainda continua. Rosa dos Ventos, v. 1, p. 2-13, 2009.

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. O LUGAR DA GEOGRAFIA NO ENTRE-LUGAR DO ESPAÇO TURÍSTICO: Uma viagem complexa que ainda continua. Rosa dos Ventos, Revista do programa de pós-graduação em Turismo. Universidade de Caxias do Sul, jul./dez. 2009/vol. 1/nº0. Disponível em: <http://www.ucs.br/>. Acesso em: 02/10/2019.

CORRÊA, Roberto Lobato. PROCESSO, FORMA E SIGNIFICADO UMA BREVE CONSIDERAÇÃO. 2009.

COSTELLA, Roselane Zordan. Competências e habilidades no contexto da sala de aula: ensaiando diálogos com a teoria piagetiana. Cadernos do Aplicação, v. 24, n. 1, 2011.

COUTO, Marcos Antonio Campos. O Conceito de Espaço Geográfico nas Obras Didáticas: O Espaço Viúvo do Homem. Livro Geografia em Perspectiva. 2006 Ed. Contexto. 3ª edição. São Paulo.

KATUTA, Ângela Massumi. O ensino e aprendizagem das noções, habilidades e conceitos de orientação e localização geográficas: algumas reflexões. IN:Geografia /Departamento de Geociências, Universidade Estadual de Londrina. VOLUME 9 –NÚMERO 1 – JAN./JUN. 2000.

KATUTA, Ângela Massumi. Uso De Mapas= Alfabetização Cartográfica E/Ou Leiturização Cartográfica?. Nuances: estudos sobre Educação, v. 3, n. 3, 1997.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. Pesquisa Social: teoria, método e criatividade 19ª ed. 2001.

LOCALIZAR. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2019. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/localizar/>. Acesso em: 16/10/2019.

SANTOS, M. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, Milton. Espaço e Método. 1. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

TRIVISIOS, Augusto NS. Introdução à pesquisa em ciências sociais. A pesquisa, 1987.

## **ANEXOS**

Anexo 1 – OFICINA 1 – LOCALIZANDO-SE A PARTIR DE ELEMENTOS ESPACIAS AFETIVOS (ESCOLA/BAIRRO)”

<b>E.E.E.F. VISCONDE São Leopoldo</b>	<b>E.E.E.F. VISCONDE DE SÃO LEOPOLDO</b>
<b>1913-2013 100 anos</b>	Série/Ano: _____ Nº _____ Disciplina: _____

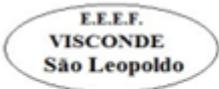
OFICINA 1

- 1) Observe a imagem abaixo e identifique, utilizando lápis ou caneta, elementos que você conheça. Veja os exemplos nas imagens ampliadas.



- 2) Após a identificação, escolha um dos elementos presentes na paisagem e faça um croqui atrás da folha, ampliando a localidade escolhida, assim como no exemplo do mapa.
- 3) Explique porque você escolheu esses elementos. O que lhe chamou atenção neles?

Anexo 2 – **OFICINA 2. REVIVENDO O ESPAÇO AFETIVO ATRAVÉS DA IMAGINAÇÃO**

	<b>E.E.E.F. VISCONDE DE SÃO LEOPOLDO</b>
<b>1913-2013</b> <b>100 anos</b>	Série/Ano: _____ Nº _____ Disciplina: _____

OFICINA 2

**Responda as perguntas conforme o mapa utilizado na atividade anterior:**

- 1) Você consegue se localizar e observar os pontos cardeais presentes no mapa?
- 2) Se você estivesse em frente à escola e com seu olhar direcionado para o Norte, a praça dos brinquedos estará a sua esquerda ou à sua direita?
- 3) Olhando para o mapa da escola, o lado esquerdo ou direito do seu corpo corresponde a qual sentido conforme a Rosa dos Ventos?
- 4) No mapa podemos observar prédios em formato cônico presentes na paisagem. Seguindo o Norte geográfico em relação a escola eles estão em qual sentido?

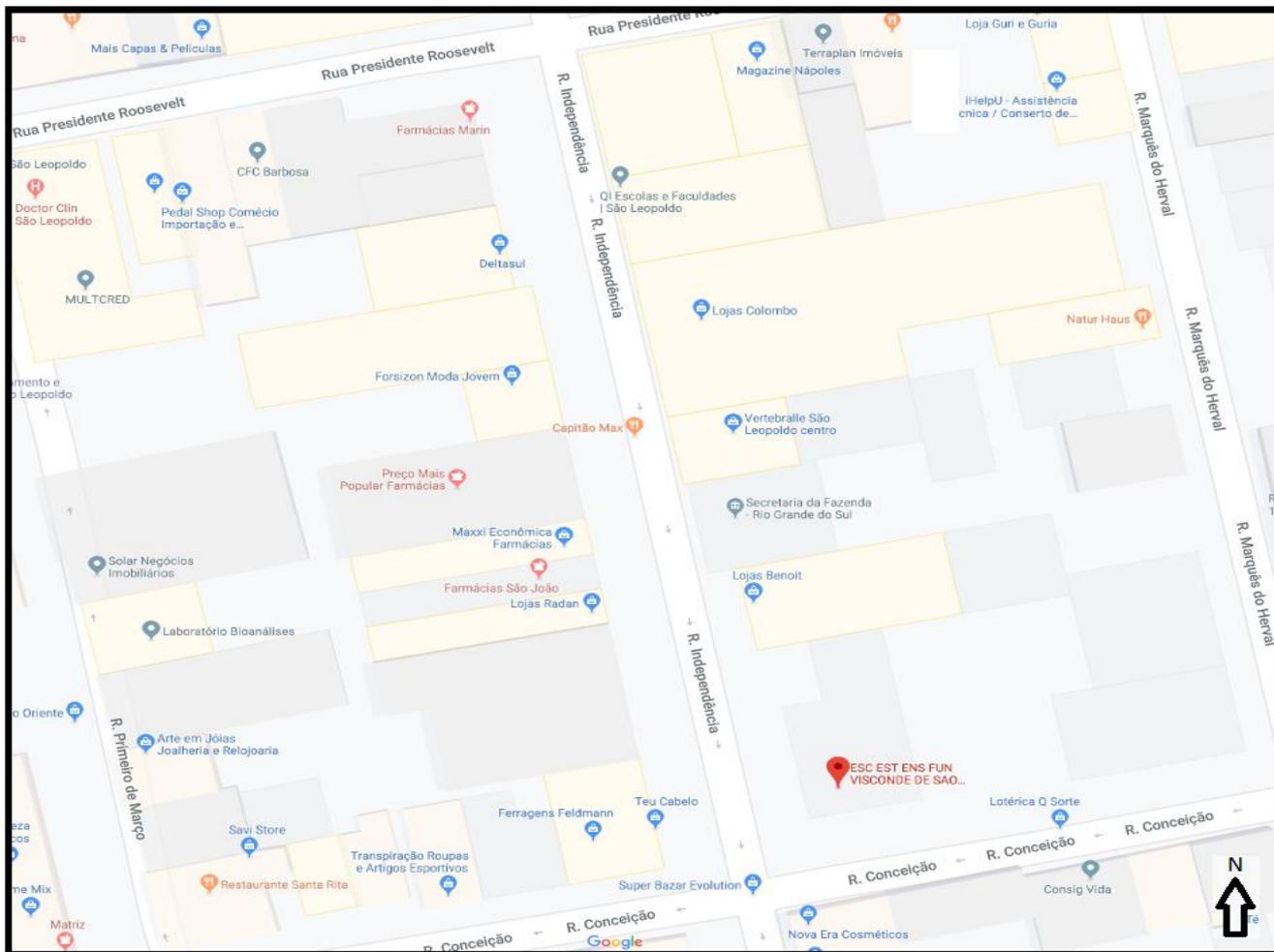
Anexo 3 - OFICINA 3. PAISAGEM NO MAPA: O ALUNO REDEFININDO/DESENHANDO SEU ESPAÇO

 <p><b>E.E.E.F. VISCONDE São Leopoldo</b></p>	<p><b>E.E.E.F. VISCONDE DE SÃO LEOPOLDO</b></p> <p>Série/Ano: _____ Nº _____</p> <p>Disciplina: _____</p>
<p><b>1913-2013 100 anos</b></p>	

- 1) Observe a foto abaixo e identifique (escreva) o que mais lhe chama atenção na imagem.



- 2) Observe o mapa abaixo e identifique, comparando com a foto, a localização da escola de estabelecimentos e ruas do entorno fazendo uma pequena marcação do que você reconhecer.



A partir do que você identificou responda:

- 3) Lendo a foto da R. Independência - onde sua escola se encontra na esquina, preencha, substitua, os elementos (prédios) que já existem ou que você gostaria que existisse. Faça uma legenda com os elementos que você preencheu no mapa. Crie no mínimo 3 elementos novos no lugar de 3 já existentes e explique porque você escolheu estes novos elementos.
- 4) Conforme o teu entendimento quais elementos tu deslocarias desse espaço para pôr no seu bairro, fazendo com que o lugar que tu resides ficasse melhor? Você acredita que seria possível essa colocação?